



LEONARDO PERACINI

*partituras*

*escute a música que há dentro de você*



LEONARDO PERACINI

# PARTITURAS

escute a música que há dentro de você

2015



Milhares de pessoas cultivam a música; poucas, porém têm a  
revelação dessa grande arte.

Ludwig van Beethoven

Não morre aquele que deixou na terra a melodia de seu  
cântico na música de seus versos.

Cora Coralina

Sem a música, a vida seria um erro.

Friedrich Nietzsche



A Cristiane Peracini, minha esposa e  
Miguel Peracini, meu filho, com alegria e amor.





Tudo isso queima a minha alma e, desde que eu não seja incomodado, o meu tema se amplia, se metodiza e se define, e o todo, mesmo que seja longo, está quase completo e pronto na minha mente, de forma que eu posso abarcá-lo, como uma boa pintura ou uma bela estátua, com um olhar.

Também não ouço na minha imaginação cada parte sucessivamente, mas ouço-as todas ao mesmo tempo. Não posso descrever o encanto disso! Toda essa invenção, essa produção, acontece num sonho agradável e vívido. ”

Wolfgang Amadeus Mozart

Quem lê bebe o sangue de quem escreveu.

Rubem Alves



## Sumário

Prefácio.....	12
Primeira nota.....	18
Segunda nota.....	23
Terceira nota .....	27
Quarta nota .....	35
Quinta nota .....	42
Pausa .....	55
Sexta nota .....	71
Sétima nota.....	90



## PREFÁCIO

Este livro tem como um dos objetivos afirmar que a essência da música está toda na partitura.

O intérprete apenas veste-a com a roupa singular, normalmente de modo diferente que o compositor decidiu.

Acontece que cada intérprete espelha o mundo histórico em que atuou, ou que atua. Cada geração relê-a à sua maneira as obras musicais do passado, ainda que saibamos e, como tão bem nos leva o autor, Leonardo Peracini sentirmos, pensarmos e refletirmos a música que há dentro de nós mesmos. De uma maneira intrigante e, em muitos momentos, desafiadora. O autor nos coloca na posição de busca da verdadeira música que toca o nosso corpo.

Como bem nos lembra, oportunamente, o maior memorialista brasileiro Pedro Nava: “quando vamos pescar alguma coisa no oceano sem fundo que é a memória, o anzol já sai molhado do presente”. Na literatura e na memorialística não é diferente do que ocorre com a música. Tentamos recompor o passado, mas o presente sai quase inteiro na foto.

“Partitura é uma representação escrita da música que dispõe de símbolos próprios: as notas musicais se associam a sons. Elas servem para traduzir o que o som quer dizer. Buscar compreender cada nota musical dentro de nós mesmos, nas vibrações dos momentos mais simples como a tradução do som de fome e o que queremos comer naquele momento”. Os sons surgem, os momentos se inundam de sentido e tudo passa a ter significado.

“Por que percebemos o que percebemos no mundo e em nós mesmos? Por que não percebemos o que não percebemos? E se percebemos algo, por que o percebemos? E como isso acontece?” questões levantadas pelo autor.

Leonardo Peracini, o autor, tenta responder às questões colocando o leitor numa posição intrigante, levando-o para o mosaico de questões complexas, sem começo e sem fim. Abrindo brechas, nas muralhas do pensamento automático e, flagrando as contradições irresolvíveis do presente.

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

“Imagine uma garrafa boiando em um oceano. Essa garrafa é a nossa consciência do mundo. Ela seria a representação da dimensão do que conseguimos enxergar à nossa volta, de maneira que conseguimos perceber no mundo.

Parece uma imagem assustadora, mas não é, ela se torna assustadora porque temos a inclinação em achar que somos o mundo e não parte dele. Acreditamos que o mundo tenha sido feito para realizar os nossos desejos e vontades.”

É, sem psicologizar a sociedade e sem socializar os indivíduos, que o autor critica os modos operantes da vida moderna.

Para Leonardo Peracini a humanidade fracassou na formação de um sujeito social total e racional. Apoia-se em Nietzsche (“a insanidade é algo raro no indivíduo – mas em grupos, partidos, povos, épocas, é a regra”) para penetrar no presente. “Imagine, temos a pretensão de elaborar a vida? Somos pequenos diante do todo, mas grande diante das nossas escolhas e infinitos aos sentidos que possam experimentar uma vida.

O autor nos leva a ouvir com maior requinte nossa obra musicada, sobretudo as consideradas mais clássicas, comparando interpretações, chegando mais próximas das nossas sensibilidades. Porque a música nasce da dor, do

sofrimento e da euforia de cada um de nós. Portanto, nasce dos nossos sentimentos, levando-nos às fantasias inconscientes, aos medos, mas sempre enaltecendo a grandeza da vida, que mesmo diante do abismo, vale a pena ser vivida e explorar ao máximo as vontades internas. Os seres humanos só poderão sentir sua música interna na convivência, ou seja, na relação com o outro. O amor é mola propulsora e fundante em nossas músicas.

“A música e o ouvinte. A falta e o amor. Viverão em busca da música perfeita. Viverão em uma constante e incansável busca de si, de suas partes que vivem no outro”.

Leonardo Peracini, o autor, nos leva continuamente na busca das nossas transformações, de ver o mundo sob uma nova luz, da alegria que é o estado mais potente e significativo do nosso próprio ser. A vida enquanto viva é música até o fim. Neste interjogo interno e externo do ser humano.

A grandeza de Freud tal como a de todos os pensadores radicais, consiste em que ele deixa contradições irresolvidas e recusa a pretensão a uma harmonia sistemática, circunstanciada e abrangente: numa tentativa de transformar o mundo que transforma indivíduos em turba, em multidões tendentes às ações violentas sem nenhum fim político, sensato, para criar a atmosfera de um projeto civilizatório.



PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

O autor foi muito feliz ao nomear esse livro, partituras, escute a música que há em você; reflexões sobre a existência humana sendo que a música é a arte que nos encanta, embora haja quem diga que ela identifica o sofrimento, mas não a cura.

O que vai de acordo com o autor que faz um percurso pelas incertezas do mundo, sem perder o sentido humano.

“ Em silêncio, silêncio

Em silêncio torno-me plenamente música

Em silêncio, silêncio

E o mundo? Continua o mundo

E a música? Enquanto houver vida, haverá música. ”

Caro leitor, é difícil expressar todo o meu entusiasmo por uma das obras seminais da grande causa que é levar as pessoas ao encontro da música ao encontro de cada um de nós. Um livro para ler e reler e saborear, amorosamente, como um vinho clássico de uma safra especial.

Este é um livro capaz de afetar o pensamento de todos os leitores, pois certamente será amplamente lido.

Leonardo Peracini escreve em todo coloquial e familiar. Sua erudição, embora muito perceptível para qualquer leitor que se interesse pelo tema, é discreta, não obstante, tem algo de novo a dizer sobre o assunto.

Com poucas palavras, é capaz de jogar luz sobre a atmosfera do tema inteiro. Escute a música que há dentro de você.

Pura delícia, em termos intelectuais e físicos.

**Vera Lúcia Bernardo.**

Educadora, professora de História, Socióloga e Psicanalista.

## PRIMEIRA NOTA

“Tocar piano nunca foi um esforço para mim. Há pessoas que estudam seis, sete ou oito horas por dia. Acho-as admiráveis. Talvez tenham muito a preparar, é natural. Eu nunca estudei tanto tempo; não tenho paciência. Gosto de tocar piano uma ou uma hora e meia e depois olhar para o céu. Mais tarde volto ao trabalho.”

Guiomar Novaes, “Great Woman & piano”, *Time*, Nova Iorque, 13 de dezembro de 1954.

Este livro não é um conto ou história, ele é uma música. Não basta apenas ler, tem que ouvi-lo. Cada capítulo é uma nota. Cada pensamento é um som. Seu objetivo é tocar a alma de quem escuta, porque a alma está cheia de música. E quem ama a música ama a vida. Não desejo que você simplesmente entenda o que escrevo. Desejo que você escute, que sinta a minha música, a forma como escuto o mundo – assim, a linguagem do texto será desnecessária.

Nosso corpo toca música. Passamos a vida inteira procurando a música perfeita. A nossa. Com o tempo, quando começamos a entender que estamos vivos, vamos percebendo alguns sons que soam naturalmente.

Partitura é uma representação escrita da música que dispõe de símbolos próprios: as notas musicais, que se associam a sons. Elas servem para ajudar a traduzir o que o som quer dizer. Sabe aquela hora que estamos com fome e não sabemos o que gostaríamos de comer? E nos perguntam: é carne? Não. Massa? Não. Quente? Não. Na verdade, não sei o que quero comer, mas estou com fome. O que será? E de repente uma partitura aparece e traduz o que gostaria de comer. Os sons surgem, o momento se inunda de sentido, e tudo passa a ter significado. A fome é resolvida. Quando temos fome de alegria, acontece do mesmo jeito, procuramos uma partitura que nos salve. Que consiga traduzir o nosso desespero em música. Aliás, uma pessoa fica desesperada porque não encontra dentro de si suas partituras, porque não está conseguindo tocar sua música. Diferente de uma pessoa que está em profundo sofrimento – essa está usando as partituras, só que seu corpo está tocando uma música mais triste.

Um bebê quando descobre sua mãozinha descobre que pode tocar um som, e rapidamente vai em sua partitura e escreve a nota aprendida – da mesma forma quando descobre os pezinhos. Quando consegue emitir sons pelas cordas

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

vocais, já significa que algumas partituras estão sendo escritas. A mãozinha que bate, o pezinho que estica e encolhe. Sem falar dos gritinhos finos, estridentes, que fazem os vizinhos escutarem, os olhos que abrem e fecham, sorrisos que saltam, os impulsos para se manter sentado, o sabor dos primeiros alimentos – tudo é tocado ao mesmo tempo, e utilizados todos os instrumentos disponíveis. Os pais se emocionam com a música; é como se estivessem em um teatro assistindo a um grande espetáculo, com estupendos músicos se apresentando.

Nessa sintonia, muitos pais gostam de subir ao palco para se apresentarem. Dão um show, demonstram para seu bebê a potência de seus instrumentos, seus mais demasiados sons e gestos; seus efeitos estranhos, gestos que causam surpresas, até para adultos. Eles se esforçam para ensinar seu bebê como é que se faz para escutar e sentir a música. Ficam horas tocando juntos.

Com esse ainda limitado conjunto de instrumentos, o bebê já consegue demonstrar significados, harmonia no que toca. Tanto é que se percebe como está sendo formada a sua personalidade – uns mais agitados, outros mais calmos. Uns preferem tocar baixo, enquanto outros optam pela ópera.

Os grandes pensadores chamaram esses sons de essência, vontade, libido, espírito, alma, alegria, dons, talentos, vida – tudo aquilo que está além do corpo, que faz o corpo sentir a vontade de viver verdadeiramente. Mozart

dizia que para fazer uma obra de arte não basta ter talento, não basta ter força, é preciso também viver um grande amor!

Essa manifestação de sons vale para todos que estão vivos. Quando uma semente consegue tocar sua música, suas partituras, ela consegue se tornar uma grande árvore. Quando não, ela morre como semente. Quando um ovo consegue tocar se torna um pintinho. Quando não, serve de alimento para aqueles que estão conseguindo. Do mesmo modo é o ser humano. Quando consegue tocar sua música, suas partituras, logra encontrar seu lugar no mundo, seu lugar dentro de seu próprio corpo – e se torna aquilo que deveria ser. Vive além do saber. Vive pelo sabor. Sente alegria por estar vivo.

Já tentei uma vez ser pianista. Foi um desastre. Tive de me contentar em apenas viver como ouvinte. Adoro ouvir as sonatas de Beethoven, elas provocam dentro de mim música. Consigo tocar quando estou escrevendo. O piano ainda não vendi, está bem em nossa sala, bem conservado, mas fechado, esperando que algum espírito se sente naquele banquinho e consiga tocar sua música. Quem sabe meu filho tenha nascido com as partituras.

A música quem toca é a pessoa, o piano só é o instrumento. Tanto é que os instrumentos são afinados por pessoas especializadas no assunto. Alguns músicos contratam grandes “afinadores de instrumentos” porque seu talento serve para afinar, não para tocar. Existem, então, o afinador e o músico. Ambos tocam música, mas músicas diferentes.

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

Acredito que se o piano não existisse na época de Beethoven, provavelmente ele o teria inventado. Ele, na verdade, não tocava a música, a música é que tocava nele e, com ela, tudo se manifestava à sua volta e era transformado. Para ele, cada sinfonia, mesmo sendo a mesma, se apresentava diferente, fluía naturalmente, ele apenas tentava direcionar a música para onde deveria ir. Ele mesmo dizia: “música é revelação, o terreno elétrico no qual nosso espírito vive, pensa e inventa. A alma sensível é como uma harpa que ressoa com um simples sopro”. Quando acabava de escutar suas sinfonias, o silêncio que lhes seguia ainda era dele. Beethoven era um grande filósofo da música, seu corpo conseguia traduzir em partituras a beleza da vida.

Não sou músico, nem pintor. Não conseguiria traduzir a luz e as sombras pela música ou pela pintura. Mas consigo fazer tudo isso com a poesia, com a escrita. Espero que goste das minhas partituras, dos sons que irei tocar, e que consiga escutar a música que há dentro de você.

## SEGUNDA NOTA

“A música é uma revelação muito mais sublime do que toda a sabedoria ou filosofia. Ela é a única introdução incorpórea no mundo superior do saber – esse mesmo mundo que rodeia o homem, cujo significado interior não se percebe por conceitos reais. A parte formal daquela é simplesmente o veículo necessário que revela, por meio de nossos sentidos, a vida espiritual. Se mil vidas eu tivesse, mil vidas eu viveria.”  
(Ludwig van Beethoven)

Escolhi refletir sobre esse tema porque ele nos leva a outros, como, por exemplo: Por que percebemos o que percebemos no mundo e em nós mesmos? Por que não percebemos o que não percebemos? E se percebemos algo por que o percebemos? E como isso acontece? Por que temos a ideia de que tudo tem que ter um fim? Bem disse Nietzsche que “Se não há nenhum fim em toda a história do destino humano, devemos, no entanto, impor um fim a ela:



PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

supondo, bem entendido, que um fim nos seja necessário e que, por outro lado, a ilusão de um fim e de um objetivo imanentes se torne para nós transparente. E temos necessidade de fins porque temos necessidade de uma vontade – que é a nossa coluna vertebral. ‘Vontade’ como compensação que substitui a ‘fé’, quer dizer, que substitui a ideia de que existe uma vontade divina, um ser que tem projetos a nosso respeito”. O fim só existe concretamente para aquele que não encontrou na vida a vontade de viver. Beethoven, para mim, está mais vivo do que nunca, parece que ele sabia que suas sinfonias deveriam ser feitas sem ponto final. Toda vez que as escuto, algum ponto dentro de mim se transforma em linha. Do mesmo modo a *Mona Lisa* de Leonardo, que se tornou encantadora porque não foi terminada. Aliás, desconfio que os artistas não sabem a hora de terminar suas obras, penso que eles apenas trocam seu coração de lugar. Quem aprende a viver assim vive a vida além da borda, vive transbordando – não existe um único lugar.

Imagine uma garrafa boiando em um oceano. Essa garrafa é nossa consciência no mundo. Ela seria a representação da dimensão do que conseguimos enxergar à nossa volta, de tudo o que conseguimos perceber no mundo. Parece uma imagem assustadora, mas não é, ela se torna assustadora porque temos a inclinação em sempre achar que

somos o mundo e não parte dele. Acreditamos que o mundo tenha sido feito para realizar nossos desejos e vontades. Existe uma distância abissal entre o que conhecemos e o que desconhecemos. Por isso, sofremos de reminiscências, vivemos em conflitos, não temos a mínima ideia do que somos, o que percebemos, e por que percebemos o que percebemos. A única chave que temos é nosso corpo, e ele nos ajuda a abrir as portas do mundo. O problema é que somos bombardeados, afetados por ele ininterruptamente. Quando achamos que iremos ser felizes com preenchimento de algum um vazio interno, outros dez mil novos aparecem. O mundo é um fluxo, e nós somos uma parte pequena desse fluxo, uma parte insignificante que persiste em acreditar que faz a diferença no universo. A dinâmica do caos é tão grande que nos perdemos em nós mesmos. Nosso corpo é um abismo lançado em muitos mundos. Passado e futuro não existem porque não conseguimos compreender verdadeiramente o que se passa, apenas percebemos uma faísca de tudo e, com ela, tentamos segurar nossa existência. A verdade é que o fluxo nunca acabará – nós o afetaremos e seremos sempre afetados por ele. Existirão mundos que nos compõem, que se dão bem conosco, que farão brotar alegria nos encontros e, mundos que nos decompõem, que diminuem nossa potência de resistir na vida, que causarão dor e tristeza. Somos os animais que sentem mais dor no mundo, que é a causa da incompreensão dos nossos encontros. A dor

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

brotar porque somos sensíveis, feitos para perceber o que está à nossa volta. Somos uma garrafa boiando em um oceano em maremotos. Somos resultado do que o mundo faz a cada segundo com nosso corpo. Do mesmo modo buscamos a felicidade, o prazer e a alegria, porque buscamos evitar a dor, o desprezo e a tristeza a cada segundo. Não temos muita opção.

Contudo, esta obra tenta revelar que a verdadeira sabedoria do homem está em pensar na vida, em como ela tem sido vivida e modelada ao longo da existência; suas alegrias e tristezas, verdades e ilusões. Ela tem a intenção de provocar o pensamento sobre aquilo que nos alegra, que faz sentido e que faz a vida valer a pena ser vivida. Viver buscando os segredos de como se viver é o que dá sentido na vida. Se nascêssemos sabendo como viver, seríamos seres entediados, anjos de luz.

Para quem gosta de refletir sobre esse tema será de grande prazer, pois ele germinará do encontro consigo mesmo, das oscilações reflexivas provocadas durante a leitura da obra – uma vontade para se elevar para além de si mesmo.

## TERCEIRA NOTA

"O objetivo de toda boa música é tocar a alma."

(Claudio Monteverdi)

Imagine seu pai, sentado sozinho em um cinema, assistindo a um filme. Só que ele escolheu assistir ao filme da sua vida, um filme que foi produzido sem cortes, sem cópias, e está gravado na mente dele. Um longa-metragem que conta toda a sua história já vivida, cada momento que ele esteve presente com você, as cenas de profundas alegrias, tristezas – instantes que ele conseguiu capturar.

Sem saber, você resolve entrar no mesmo cinema, no mesmo horário e sala. Entra sem pressa e se assenta ao fundo. A sessão tem início. Você, acomodado na cadeira, olhando para a tela com atenção, sem perceber seu pai, começa a assistir ao filme. De repente, na primeira cena, sua pulsação sobe, você fica espantado com o que vê porque na

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

cena está sua mãe, muito emocionada, recebendo a notícia – junto a seu pai – de que estava grávida. O filme continua, você se espanta ainda mais porque percebe, que aquele é o filme da sua vida. A cadeira passa a não ser mais confortável, de tão agitado e emocionado que está. O filme o deixa meio confuso, porque muitas das cenas não são como você conhece. Mas, mesmo assim, continua atento à tela, a cada momento. Os minutos vão se passando, um mais perfeito do que o outro. Você diz para si mesmo que esse foi o melhor filme que já havia assistido, não por narcisismo, mas porque era legítimo, real, pois é a história da sua vida ainda não assistida completamente.

Em um determinado momento, você fecha os olhos lentamente, escora as costas na cadeira acolchoada e permite que as lágrimas represadas transbordem sobre sua face. O coração já não bate em altas frequências, ele bate mais lentamente, porém forte, chegando a ser sentido no peito. Os sentimentos tomam conta, porque naquele momento sua mãe, com você no colo, bebê, começa a cantar. Seu pai, que estava gravando na memória, vivendo a cena, percebe quanto amor brota naquele momento. Os olhos dos dois humedecem de tanta penetração. Parece que são um, e não dois. Sua mãe canta, você, bebê, tenta ficar acordado, ouvindo cada som, percebendo cada sorriso, carinho – e tudo aquilo, que era desconhecido e encantador, tomando conta

do seu corpo. O mundo se apaga lentamente. Você, com seus olhos entreabertos, mesmo querendo persistir, não consegue, porque tudo vai sumindo vagarosamente, escurecendo. Você adormece ao canto daquela mulher que o gerou, sobre aquele bálsamo de sentido. Seu pai, próximo a vocês, assiste mais uma vez àquela cena que se repetia várias vezes durante todo o dia. Ele, amoroso, pai presente, consegue guardar cada minuto, cada instante vivido. Hoje, depois de anos, ele, nessa sala de cinema, a reproduz para você com todos os detalhes, com toda emoção vivida.

A cena muda. Desta vez você não dorme, mas sente que, depois do delírio, um sentimento de saudade fica pairando no peito. Confuso, tem certeza de que tudo aquilo aconteceu, mas também sabe que havia visto todos aqueles momentos pela primeira vez. Estranho, porque mesmo depois de anos, vivendo a vida adulta, consegue sentir como se fosse aquele bebê. Sente o calor dos braços da mãe. Sente cada palavra, cada tom que as cordas vocais produziam. Dentro do cinema, consegue sentir o cheiro da mãe, da casa, do berço que dormia. Fica impressionado com todas aquelas experiências que invadem sua cabeça. Sente tudo de uma só vez, como se estivesse acontecendo naquele momento. Mesmo não lembrando de nada, a cena, que é inédita, causa um sentido grandioso para você.

Quando entra a próxima cena, você nota que não está sozinho no cinema, há outra pessoa ali. Curioso, levanta

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

ansioso e rapidamente vai até a fileira que a pessoa havia escolhido para se assentar. Você, com medo de perder alguma cena, ao caminhar vai olhando para a tela, não consegue também não pensar que o corredor parecia mais curto e o que pudesse falar para a pessoa ali sentada assistindo ao filme. Ao se aproximar, vê que é um senhor de meia idade, mas não consegue ainda ver o rosto, porque apenas estão visíveis suas costas e cabeça. Ao chegar próximo, também nota que o homem estava muito emocionado e descobre, então, que aquele homem é o seu pai. Você, em choque, apenas se senta ao lado e, juntos, assistem ao filme todo, sem lançarem uma palavra sequer ao outro. Apenas tentam degustar cada fragmento de vida.

Quando o filme termina, você descobre que o diretor é seu pai, e todo o filme foi criado por ele: todas as experiências apresentadas, os encontros vividos, tudo o que passou, cada cena. Tudo foi apresentado pela visão dele, advinda da oportunidade que teve de experimentar – você e ele – durante a vida, de conviver e conseguir gravar tudo o que passaram juntos. Naquele filme estava o que havia dentro do seu pai, toda a realidade e a fantasia criada sobre você, sobre sua vida, sobre o que era importante para ele.

Você levanta, abraça seu pai, agradece por tudo e sai da sala sozinho. Ele pede para ficar ali sentado mais um

pouco, e você sai com aquela sensação de estar pisando em nuvens, extasiado, entorpecido de sentimentos.

Caminhando pelo cinema, resolve entrar em outra sala. Outro filme estava para começar, e novamente a sala vazia. Após a experiência da sala anterior, desconfiado, decide passar os olhos nas poltronas para ver se não há ninguém sentado, quando percebe que bem ao meio da sala está sentada uma mulher. Sem hesitar, segue direto a ela e descobre que é sua mãe. Seu coração volta a bater como o de um pássaro apanhado pelas mãos. O filme começa.

Logo na primeira cena, aparece sua mãe, junto a seu pai, recebendo a notícia de que estava grávida. Sem dúvida, já entende que também era o filme da sua vida. Porém, você tem a impressão de que a primeira cena era a mesma do outro filme, mas percebe que não era. Pelo contrário, ela estava bem diferente daquela que passou no filme dirigido pelo seu pai. Os ângulos eram diferentes, os afetos e até o próprio ambiente. Tudo parecia igual, mas não era. A próxima cena tem início, e nela não havia nada do que havia no filme anterior. Todas as cenas são reproduzidas. Quase tudo era diferente. As pessoas estavam diferentes. Sua vida parecia não ser nem aquela filmada pelo seu pai e nem pela sua mãe. Você tinha dentro de si um único registro: O seu. Nunca passou pela cabeça que sua vida poderia ser uma outra.



PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

Espantoso, entende que a sua vida e os momentos sempre foram os mesmos. Tudo. Tudo o que viveu, cada experiência, cada encontro, desencontro, alegria e tristeza. Mas também compreende que sua vida para seu pai era uma e, para sua mãe, outra. E para você outra, embora fosse a mesma vida vivida no mundo. Percebe que cada um teve uma percepção sobre você, uma maneira de interpretar o que viveu, o que era. Cada um registrou a sua percepção, seu modo de sentir a vida.

O filme acaba. Sua mãe quer ficar mais um pouco na sala. Você se levanta lentamente, sai sem fazer barulho, começa a caminhar em direção à saída. Um sentimento de alívio toma-lhe conta, mas um alívio estranho porque sempre foi crente de que sua vida fosse tal coisa e pronto. Alívio porque sabe agora que o que achava que seus pais achavam de você não era praticamente nada daquilo em que acreditava. Suas culpas levadas consigo, criadas por momentos de indelicadezas, maus tratos nem apareceram em nenhum dos dois filmes. Ao contrário, o que ficou gravado foram as cenas mais profundas, que conseguiram manifestar vínculos poderosos de amor, de cuidado, acolhimento, de momentos alegres que viveram juntos.

Nesse percurso, você esqueceu uma coisa simples: Cada ser humano é diferente, cada um sente diferente, pensa diferente, age diferente – inclusive você. Relembra agora,

com essa reflexão, que tanto você como todos têm a capacidade de reescrever uma história, de enxergar as nuances que não haviam visto, as sensações, os momentos mais importantes; conseguem desfazer as culpas fantasiosas, desatar os nós malsucedidos. Aprende que pode viver uma outra vida, com mais vida, mesmo sendo a mesma, como se fosse uma dentro da outra, várias vidas sendo vividas, e não negando a sua. Descobriu também que a vida não se aposenta; que cada pessoa existe diferentemente dentro de outra, e que mesmo a realidade pessoal é uma verdade fantasiosa. Que as pessoas importantes que vivem dentro de nós foram importadas e criadas por nós, do jeito que acreditávamos, que gostaríamos que fossem, que desejávamos desejar. Que tudo o que existe em nossa vida interna são apenas fragmentos e símbolos daquilo que construímos. Mas não se preocupe, isso acontece com todo ser humano. Fazemos tudo isso por amor, por exigências do mundo externo, por acreditar que o mundo e os outros possam um dia ser perfeitos, eternos, e nos entender do jeito que sonhamos que deveriam ser, realizando nossos desejos e fantasias.

Somos afortunados porque temos a oportunidade de escolher o que importar, como elaborar e significar grande parte de cada momento. De reescrever cada pedaço de vida. De poder escolher em quem devemos nos tornar, com quem conviver. De pensar sobre nossas mazelas e potências vitais.

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

De interagir com o “diferente”, ou seja, com aquilo que ainda não somos, mas com que nos identificamos – em nosso caso, o outro, que nos possibilita a realização pessoal. E entender que, mesmo acreditando que uma coisa é cem por cento aquilo que acreditamos que seria, ela nunca será porque jamais conseguiríamos elaborar a totalidade de algo, nem sequer de um pé de alface. Imagine termos a pretensão de elaborar uma vida!? Somos pequenos diante do todo. Mas grandes diante de nossas escolhas. E infinitos aos sentidos que possa experienciar uma vida.

## QUARTA NOTA

“O que cozinhar? Sua decisão inicial exige um conhecimento que não se encontra em livros. Ela tem de ser uma adivinha: precisa conhecer o desejo de quem vai comer, a sua geografia errática, as curvas onde o seu prazer desliza. Matar a fome é fácil. Qualquer angu com feijão faz isso. O que se pretende não é matar a fome. É o seu contrário: provocá-la. O que os amantes buscam, na erotização dos seus corpos, não é o orgasmo, mas, com ele, a morte do desejo. O que eles desejam é a alegria de ver crescer a fome do outro.”

(Rubem Alves)

Adoro dar exemplos, contar histórias, às vezes elas deixam mais leve e fácil a comunicação. Histórias são verdades cobertas de fantasias e sabor. De realidades psíquicas. E talvez também de um registro histórico das verdades sociais.

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

Minha esposa frequentemente deseja comer o meu macarrão. Faz três anos que eu faço macarrão para ela, e ela ainda continua a pedi-lo, continua a desejá-lo, não sei mais se é por amor, ou pelo macarrão mesmo. Desconfio, porque talvez o desejo dela seja me satisfazer, dizendo que ama meu macarrão, porém, não me cabe julgar, pois o desejo é dela e não meu. Eu jamais conseguiria sentir o que ela sente. No entanto, posso desejar que ela deseje meu macarrão e, por isso, lhe escrevo este exemplo. Posso estar iludido, mas confesso: estou feliz, mesmo não descobrindo se é uma verdade ou não.

Nesses três anos de casados, ela sempre pergunta: “como que você fez isso ficar tão gostoso?”. Eu não falo só para provocá-la, para me divertir. Até porque, perderia o encanto de nosso vínculo – eu, ela e o macarrão. Isso mesmo, vínculo entre os três: eu, ela e o macarrão. Ou, sendo mais profundo, meu corpo, o dela e o mundo externo. Esse vínculo só existe porque existe mais de um. Nesse exemplo, perceberemos que o macarrão é muito mais que macarrão, ele é um ingrediente que nos permite saborear um ao outro. Ele nos ajuda a gravar na memória quem estamos sendo naquele momento. Ele permite produzir prazer além do estômago. Ele nos ajuda a degustar a vida. A comer um ao outro. Ele se torna parte do vínculo, não se tornando mais macarrão. Foi macarrão, apenas quando estava na prateleira.

Temos uma capacidade enorme de permitir que coisas invadam nosso corpo. Coisas boas são degustadas pelo corpo como prazer. Coisas ruins, não suportadas, são escondidas como desprazer ou dor. Ambas são coisas estranhas que nos invadem. Por exemplo, quando eu lembro aqui do macarrão, coisas boas me tomam a cabeça, sinto-me em um estado de alegria. Do mesmo modo, quando lembro algo que não me dá prazer me toma a cabeça, sinto desprazer, dor, angústia e, por conseguinte, ativo involuntariamente mecanismos de defesa contra a dor, contra aquilo que me entristece, como o esquecimento. Com isso, temos uma equação: Nosso corpo interagindo com o mundo pode ser alegrador ou entristecedor. Tudo dependerá do que será invadido ou invocado. Tudo, é claro, que for diferente. Porque, não se iluda, achamos que repetir aquilo que nos fez bem nos fará bem novamente. Mas isso não acontece. Cada momento é um momento. Cada vínculo é único. Temos a capacidade de evocar, na memória, lembranças que podem se aglutinar com os momentos novos experimentados. Mas, mesmo assim, a equação será sempre a mesma: pode ser resultante de alegria ou tristeza.

Pois bem, seguimos com a reflexão. Imagine agora se outra pessoa fizer também um macarrão que igualmente a surpreenda, que produza prazer semelhante. O que aconteceria? Provavelmente iria resgatar na memória dela o macarrão que sempre fiz, mas com uma diferença: não será o

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

macarrão, apenas uma imagem bem representada, criada por ela mesma, que não é passado, nem futuro, mas que poderia vir a ser aquele macarrão que acha que seria – sua fantasia vinculada a um momento vivido. Para consciência, de forma simplista, o macarrão é apenas algo que está disponível para se comer. Se a vida fosse assim seria simples. Viveríamos felizes desde o nascimento, sem precisar buscar nosso lugar no mundo, realizar os desejos. Já nasceríamos prontos, daí seria só viver felizes para sempre. Mas não é assim que acontece na realidade. Não existem fórmulas, chaves ou princípios. Temos que nos fazer, buscar entender o que está inconsciente em nossa singularidade, e em como interagimos com tudo, porque a maior parte do que nos afeta não está disponível em nossa consciência. Vivemos buscando o máximo de prazer, contudo, é uma busca individual – que é falha, porque não combinamos com nosso “adversário” o que teríamos de buscar para sermos felizes. As duas partes não vivem em pleno acordo, combinadas em um prazer pleno, em uma felicidade eterna. Se a própria temperatura nos agride desde que nascemos, imagine outras pessoas e o mundo. Esse entendimento nos ajuda a ser tolerantes com os outros e com nós mesmos, tornando possível que nosso convívio e momentos sejam mais alegres e prazerosos do que repletos de dor e desprazer.

Grande parte do que não era macarrão estava inconsciente, sendo guardada no corpo como algo percebido, sentido, importante, importado. Assim funciona nossa consciência interagindo com o mundo. O que percebemos sobre qualquer coisa é apenas um pedaço daquilo que priorizamos internamente, que escolhemos que deveria ser priorizado, com base em nossas crenças, personalidades e vínculos, já formados por vínculos anteriores a nós mesmos. Grande parte da vida vivemos inconscientes, sem saber realmente o que nos afeta. Acreditamos que sabemos o que estamos fazendo de nós mesmos, quando na verdade não sabemos nem o que somos e o que acontece com nosso corpo quando comemos um prato de macarrão. Isso acontece porque a memória humana não é um arquivo objetivo de dados, não é um banco de memória, como um arquivo salvo em uma pasta no computador que você possa visitar e encontrar do jeito que deixou. Tudo é dinâmico, uma maçaroca. Ela é feita como é feito um palimpsesto, memória escrita sobre memória, memória com fantasia. Daí surgem os conflitos e a falta de consciência. O que fazemos é tentar traduzir de tudo aquilo que está embaraçado, memorizado, cada momento do nosso passado. Uma lembrança não é algo que existe, é algo novo, é um instante que está tendo a possibilidade de ser vivido, de ter conseguido ser “presente” naquele momento, como o resgate das lembranças do prato de macarrão.



PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

No clima culinário, aproveite para convidá-lo a saborear cada pensamento que brotar em sua mente, cada provocação, sensação de prazer e desprazer, a exprimir durante esta leitura cada átimo de lucidez, de “eureka!”, tudo aquilo que o aproxime de si mesmo, do seu próprio sabor, que é seu, que é único no mundo. Aproveite, porque você pode se encantar consigo mesmo. Lembro muito bem de um pensamento de um grande filósofo que diz que mesmo o mundo não tendo sentido, não é proibido colocar algum nele. Se você não gostar de macarrão, não há problema, lembre-se que existe muito mais do que macarrão em um prato de macarrão. Devemos aprender com os grandes poetas que uma pedra nunca será apenas uma pedra. Porque para uma pedra realmente existir apenas como pedra, tudo que não é pedra deve se apagar, não existir. Seria insuportável viver uma vida assim – existir apenas para morrer. O macarrão serviria apenas como fonte de carboidratos. Tudo que não seria carboidrato estaria morto. Todos olhares, a música que toca ao fundo, o cheiro das lembranças, a beleza do encontro, da vontade de viver, de degustar cada segundo de tempo. As refeições não existiriam mais com seu verdadeiro sentido, que é causar afeição, sabor, sentido, e seriam refeições pálidas, tristes, nutricionais. “Os poetas são mais felizes que os executivos e empresários. Os poetas viajam pra muito longe montados numa cabeça de alface. Mas, para esses últimos, uma alface é apenas uma alface a ser comida. Não os leva a

lugar algum” (Rubem Alves). Uma pedra para o poeta nunca será uma pedra.

## QUINTA NOTA

“Quem ama nunca está longe! Como posso estar longe de quem está dentro de mim?”

(Padre Léo)

Certa vez, escutei uma história de um grande professor, segundo a qual existia uma menina em sua escola, com aproximadamente doze anos de idade, e que se destacava dos seus outros coleguinhas de turma, mas não pelo seu conhecimento aprofundado e sim pelas suas roupas. Ela era daquele tipo extravagante, que usava roupas justas, pequenas, sensuais demais para a sua idade. Era uma jovem linda, de personalidade forte, que chamava a atenção por onde passava. Tal professor, incomodado com a situação, com o descontrole que estava sendo manifestado na escola, resolveu, de boa-fé, convidá-la para uma conversa. E

reservou a sala de reuniões dos professores, porque, nela, havia duas poltronas – o que tornaria ótimo o bate-papo, causaria proximidade e acolhimento.

Diferentemente da agitação dos alunos, o professor estava tranquilo, pois já era experiente nesse tipo de situação, porque havia muito tempo que trabalhava com adolescentes. Sentou e se acomodou em uma das poltronas – a xícara de café estava próxima em uma mesinha e, enquanto aguardava, fazia a leitura de *Variações do Prazer*, do escritor Rubem Alves.

A jovem bate à porta e entra na sala. O professor gentilmente pede-lhe que se assente em uma das poltronas. Como já se conheciam, a jovem vai logo se sentando, sem demonstrar nenhum sinal de timidez ou tensão pelo bate-papo, e fica à vontade.

O professor, antes de entrar no tema principal da conversa, para causar empatia pergunta se está tudo bem e se ela tem gostado de estudar naquela escola.

A jovem, de personalidade objetiva, diz que mais ou menos, que alguns professores são um saco e muitos chegam a dar preguiça. E que sua mãe a obrigava a estudar, por isso, comparecia às aulas.

O professor então resolve entrar direto no tema, já que ela se demonstrou tão objetiva e verdadeira em expressar seus sentimentos.

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

“Tenho notado que suas vestimentas estão chamando muito a atenção dos alunos, que estão causando uma euforia em todo o colégio. Sei que sua beleza é algo que deve ser valorizada, até porque você é linda, mas penso que poderia ser de outra forma, com roupas mais próximas da sua idade, mais discretas. Você também tem notado essa euforia? O que acha?”.

Indignada com a posição do professor, a jovem lança de imediato, em tom alto e ríspido: “Não, professor! Eu sou assim, essa é minha personalidade, não me peça para não ser quem sou. Foi para isso que me chamou aqui? Para pedir que mude minhas roupas?”.

O professor, já atento, pois havia recebido uma resposta bem emocional, com cautela, responde:

“Minha querida. Não estou dizendo para abrir mão de quem você é, sua personalidade, sua forma de se expressar. Em momento algum, pensei nisso. Desculpe-me se não consegui ser eficaz em minha comunicação. Mas, vamos lá, tentarei outra vez, tudo bem?”.

A jovem, antes mesmo de a próxima pergunta surgir, se antecipa, olhando diretamente nos olhos do professor, e diz:

“Professor, eu entendi sim o que você quis dizer, não irei mudar. Aproveito até para dizer que irei continuar a me vestir assim. Se quiser, me expulse do colégio, isso aqui não servirá para nada mesmo”.

O professor, enquanto a jovem se manifestava, observava o quanto sua postura era fechada, reativa, demonstrava em seu olhar um profundo sentimento de dor – parecia que estava asfixiada por algo que a incomodava, e não conseguia escutar nada, apenas evacuar sentimentos de angústia. Por detrás de seu semblante, por mais que na primeira impressão parecia ser uma jovem forte, se encontrava uma menina machucada, insegura com o mundo, com tudo o que a vida lhe apresentava.

Contudo, aquele professor era realmente um professor, sabia por onde costurar, como acolher todo aquele conteúdo que estava sendo descapsulado, como conduzir aquela jovem que se perdia todos os dias. Ele enxergava além das manifestações, enxergava como professor, como poderia ensiná-la a buscar um verdadeiro sentido para a sua vida. Isso mesmo, sua missão naquele bate-papo era ensiná-la a viver. Comparo esse trecho ao que Viktor Frankl escreveu em uma de suas obras: “O *homo patiens* exige o *medicus humanus*, o homem que sofre exige o médico humano, que não trata apenas como médico, mas também como homem. O médico que não é também um ser humano, mas apenas um cientista, poderia amputar uma perna com o auxílio da ciência, mas,

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

com o auxílio apenas da ciência, não seria possível evitar que o amputado ou a ser amputado se suicidasse depois ou antes da amputação”. A mesma figura do médico seria também a do professor, pois lidam diretamente com a vida de outros seres humanos.

Professor: “Minha querida. Seria indelicadeza da minha parte querer provocar sentimentos em você que a façam desistir de seus estudos aqui em nosso colégio, aliás, penso que posso ajudá-la muito a conquistar seus tão almejados sonhos, afinal, meu propósito como professor é caminhar ao seu lado, indicando e construindo o melhor caminho. A sua realização será a minha realização, pois é dessa matéria que eu me alimento”.

Jovem: “Professor, já que você está querendo saber o porquê de eu me vestir assim e quais são meus sonhos, irei contá-los”.

Professor: “Pois não, estou escutando”.

Jovem: “Eu me visto assim, sabe por quê? Porque eu quero ser uma prostituta, uma bela de uma prostituta! E vou lhe falar mais, não quero ser uma prostituta dessas faveladas daqui ao lado, quero ser uma prostituta em Brasília, daquelas de luxo, bem requintadas, ricas! Quero comer nos melhores

restaurantes, vestir as melhores roupas, viajar muito e ficar ao lado dos homens mais poderosos deste país. Quero ser notada, invejada, e fazer muito sucesso em minha vida”.

Após a espantada fala da jovem, o silêncio consumiu toda a sala – poucos segundos pareceram duraram horas. Aquele professor, que se sentia experiente em sua profissão, ficou assombrado com o que ouvia de uma jovem de efêmeros doze anos. Um vazio se instalou na mente daquele homem. Por alguns segundos, ele entrou em devaneios, pensando o que diria na devolutiva. Qual seria a melhor abordagem. Sua temperatura começou a subir, seus olhos dilataram, parecia que seu corpo estava desesperado, caindo em um abismo, mas, ao mesmo tempo, usava todos os seus recursos para encontrar o que faltava, o que iria preencher aquele vazio, aquela verdade que poderia ter a força de modificar uma rota, uma vida. Rubem Alves veio à sua mente, e várias reflexões brotavam, se conectavam com aquele vazio. “Para provocar um incêndio, não é preciso fogo”; “Alma não come pão. Alma come beleza”; “A rosa não tem por quê. Ela floresce porque floresce”.

Como num passe de mágica, o vazio se inunda de verdades, pensamentos surgem. Eureka! O professor, então, aliviado, sai daquela posição de assombro, daquele torpor de ansiedade e desespero e retorna mais forte, renovado, com sua face mais tranquila, serena, sentindo-se vitorioso e



PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

orgulhoso de si, pois conseguiu novamente usar a sua maior potência como professor, conseguiu pensar!

Professor: “Querida, olhe para mim, dentro dos meus olhos, sem preconceitos e paradigmas. Eu quero lhe dizer uma coisa: eu posso ajudá-la e muito!

Agora foi a vez de aquela menina ficar extasiada, pois percebeu que aquele professor estava diferente, sendo sincero, e que algo estaria por acontecer. Não conseguia decifrar se era algo de bom ou ruim. Mas sabia que existia algo de diferente, além de um simples puxão de orelha. Parecia que a empatia desejada no início da conversa surgiu bem ali, naquele instante de silêncio. Nada de se espantar, porque o silêncio em certos momentos faz um barulho ensurdecedor. Geralmente, a empatia surge quando se consegue escutar o silêncio. Para entender melhor o que estou dizendo, tente, por exemplo, ficar em silêncio por dois minutos com outro adulto olhando em seus olhos, sem baixar a cabeça, olhos nos olhos. Com bebês não é permitido essa experiência, porque eles são puros, sem julgamento, são a própria definição de empatia. Pode acreditar: bebês falam mais que adultos. Só que são mais educados, falam com os olhos, com silêncio, respeitam o tempo do outro. Acho que compreendem o que Einstein compreendeu: “Penso noventa e nove vezes e nada descubro; deixo de pensar, mergulho em profundo silêncio – e eis que a verdade se me revela”.

A jovem, percebendo que havia algo de diferente, resolveu por alguns segundos escutar seu professor – ficou mais calma, encostou-se na poltrona, com as mãos sobre as pernas, relaxou sua face demonstrando curiosidade. Bem no fundo do seu coração sabia da profunda dor que sentia, de todo desespero e conflitos por que passava. Pensava sem querer pensar que aquela poderia ser a sua chance de aliviar suas angústias. Ter algo verdadeiramente em que se agarrar. Sua atenção era tamanha que, naquele momento, seu corpo por dentro parecia um vale de lágrimas, chorava compulsivamente, mas, ao mesmo tempo, lutava para manter sua máscara de jovem forte ao mundo. Pronta para receber o que iria jorrar daquele homem, a jovem se deixa acolher pelo olhar, e lhe diz para assumir as rédeas e fazer o que deve ser feito.

Professor: “Minha querida, vou ajudá-la a realizar seu sonho, porque penso que meu papel será muito importante durante todo o seu percurso. Você quer ser uma prostituta de sucesso, não é mesmo? Pois bem, em seus encontros, certamente irá se sentar à mesa com pessoas importantes, do alto escalão, informadas e estudiosas – pessoas que estão acostumadas a ser críticas, a julgarem e tomar decisões por falhas pequenas. Portanto, a ajudarei a não ser reprovada na primeira oportunidade, porque para ter sucesso com eles, você deverá aprender e dominar muito bem a língua portuguesa, já que ninguém irá querer ter ao lado uma moça

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

que não sabe conversar bem, mal instruída, falando tudo errado. Até porque, eles não a apresentarão como prostituta – seria uma catástrofe se isso ocorresse, um marketing negativo para eles e para a sua imagem. Penso, também, que irei ajudá-la com a matemática. Teremos que nos dedicar muito a essa disciplina, afinal, você irá precisar aprender a calcular muito bem o seu dinheiro, fazer o planejamento de todos os custos e receitas. E como será uma prestadora de serviço autônoma, deverá também agir como empresa – sabendo tudo sobre matemática, ninguém a passará para trás, e você terá dinheiro de sobra para comprar suas roupas de grife, além de economizar e garantir seu futuro. E quando não mais conseguir trabalhar, seus últimos anos de vida estarão bem investidos, o padrão de vida não irá se reduzir graças aos seus cálculos feitos sobre os investimentos. Acredito que terei também de ajudá-la com a história do nosso país, até porque, a cidade que você escolheu é a nossa capital, Brasília, e todas as pessoas que lá residem – por mais que não sejam políticas ou estejam envolvidas com alguma mudança relacionada ao nosso país – já são sensibilizadas pelas raízes da história e, por isso, devemos nos aprofundar muito, porque sabemos que ter um bate-papo agradável será um diferencial para você que busca tanto sucesso e a conquista dos clientes mais poderosos. Lembre-se que os mais poderosos são aqueles que estão envolvidos diretamente com o trabalho, praticamente não têm vida, apenas querem trabalhar. Digo isso, porque

falarão apenas de trabalho. A disciplina de história irá ajudá-la a ter repertório, a se situar nos contextos das falas. Deixará todos eles encantados. Enfim, minha jovem, penso que irei contribuir muito com a realização de seu sonho, que não será mais seu, mas sim meu também. Trabalharemos juntos com afinco. Lembro-me até do grande poeta e cantor Raul Seixas, que dizia: ‘um sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade’. Essa então será a nossa meta: tornar realidade aquilo que hoje estamos sonhando. Você topa?”.

Trinta anos depois, aquele professor ainda vive – hoje, aposentado – feliz por ter conseguido consumir grande parte da sua vida, por ter tido tantas oportunidades de manifestar seu sentido, contente por conseguir chegar aonde chegou, por ter tido a oportunidade de cruzar com pessoas de primeira água. E mais: orgulhoso não só pelas suas centenas de títulos e livros publicados, mas pelo fato de poder morrer como professor, como pensador da cultura. Poderíamos assegurar que sua vida valeu a pena ser vivida.

E após tantos dias de vida, tanta experiência acumulada, vivida, a vida ainda consegue espantá-lo, presenteando-o com belíssimas surpresas.

Certo dia, passando com seu carro por uma avenida de São Paulo, sem querer ele nota uma clínica médica gigantesca, linda, com uma bela e imponente fachada. Ao lado havia uma

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

placa, onde estava escrito em letras garrafais o nome daquela menina que queria se tornar prostituta. Todas aquelas sensações sentidas naquela conversa dominaram seu corpo, sua temperatura aumentou, começou a suar frio, os batimentos do seu coração aceleraram rapidamente, e suas pupilas se dilataram, mergulhando seus pensamentos para dentro das profundezas do corpo. Foi preciso encostar o carro para que degustasse todo o sentido que a vida lhe servia.

Aquele professor ficou trinta minutos do lado de fora admirando a clínica, lendo repetidas vezes o nome de sua ex-aluna na placa, observando cada detalhe da fachada, assistindo a uma quantidade imensa de pessoas entrando e saindo. Quando percebeu, a definição da palavra aluna assumiu seus pensamentos, algo o fez lembrar que aluna significa aquele sem luz. Aquele professor, agora, podia chamar aquela pequena jovem de ex-aluna, porque sua alma havia sido iluminada. Sua rota estava no caminho certo. Ao ver o que tinha visto, ficou cego de visão, pois sua alma se iluminou de tal maneira que refletiu um brilho intenso em seus olhos – aquele vazio que sentiu há trinta anos atrás, bem naquele bate-papo foi preenchido plenamente, seu corpo, transbordou de um sentido grandioso, diferente, nunca ainda experienciado. Seu corpo dançou uma música perfeita, que nunca havia sido dançada, seu passado vira futuro, seu futuro

se entrelaça e se agarra mais uma vez no sentido da vida. Seus vazios por segundos são preenchidos, sua vida tem mais vida, seu momento foi apenas um momento, que só ele, naquele instante, sabe o quanto significou de alimento para seu espírito. Ali, naquela hora, extasiado pelo impacto da situação, o conteúdo da menina-médica transbordava no continente daquele professor.

Esta jovem, hoje, é uma das mais conceituadas e respeitadas médicas do nosso país. E aquele professor ainda continua a ser professor.

Ele não entrou na clínica, não desceu do carro. Apenas seguiu sozinho com sua alegria.

Todo mundo um dia irá morrer, mas nem todos aprenderão a morrer. Quando descobrimos que somos capazes de produzir sentido para nossas vidas, e para a vida de outras pessoas, descobrimos como morrer e quem devemos nos tornar. Viver é um ato de fé. Morrer é uma certeza. Mas ambos nos avisam diariamente que estamos existindo.

O medo de viver sempre existiu, são os grilhões da existência. Muitos, inconscientes, confundem felicidade com fuga da realidade, por isso vivem acuados – porque não sabem de quase nada, não têm respostas para as perguntas mais simples. Fantasiam por não saberem, fragmentam pensamentos por não conseguirem suportar verdades, por

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

não entenderem que o sentido da vida está na própria vida. Mas todos devem ser escutados, porque não sabem o que carregam dentro de si.

Seguimos durante a vida como reprodutores de ilusões e histórias não contadas. Os significados são construídos porque não há controle para não serem; alguns de maneira bruta, entregues pela vida, outros, criados através dela. Nietzsche dizia que aquele que vive pelo significado é aquele que vive uma vida de ressentimentos, de dramas, pois não consegue suportar que a vida é uma tragédia, algo sem sentido, que não tem nenhum fim espetacular. Mas dizia também que, mesmo diante deste abismo, deste caos, vale a pena viver, explorar ao máximo as vontades internas. Charles Darwin dizia que os homens estão aqui, perdidos, colidindo uns com os outros, se transformando, porque essa é a dinâmica do universo, e o homem faz parte dele. Sartre falava que cada homem tem a obrigação de descobrir seu caminho e Rubem Alves escreveu que antigamente, sem saber o que fazer, os médicos prescreviam viagens, achando que cenários novos seriam uma boa distração da tristeza. Eles não sabiam que é inútil viajar para outros lugares se não conseguimos desembarcar de nós mesmos.

## PAUSA

“A pausa é tão importante quanto a nota.”

(Truman Fisher)

Zeus, grande Deus, convocou dois de seus Titãs, Epimeteu e Prometeu, e lhes deu uma missão: organizar e dar vida ao planeta Terra. Ele lhes pediu que tirassem aquele marasmo entediante que havia se instalado, achava que estava pouco dinâmico, e que as coisas poderiam ficar mais divertidas, alegres. Zeus, por ser o Deus dos Deuses, deu aos dois irmãos titãs uma caixa repleta de poderes. Havia dentro dela muitas “partituras” prontas, sons de todos os tipos, sinfonias inteiras completas. E Prometeu, a fim de discutir como seria executado o trabalho, chamou Epimeteu para uma conversa.

Epimeteu é daquele tipo de gente que tem o espírito impulsivo, agitado – sabe aquela pessoa que fala e não pensa? Aquela que vive pela ansiedade, inquieta, sendo governada



PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

pelo prazer e emoções? Aquele tipo que, quando viu, já fez o que não deveria ter feito.

Prometeu era o oposto. Diferente de Epimeteu, ele pensava antes de falar, sabia ouvir a música, sabia dar pausas. Sentia o mundo como sentia Epimeteu, porém, quando o sentir era transformado em sentimentos, em sons, ele conseguia se controlar e passar para a próxima etapa, conseguia dar nome aos sentimentos e formar com tranquilidade seus pensamentos, suas partituras.

Prometeu, durante a conversa, sugere a Epimeteu que comece a transformação e, quando terminar a sua parte, vá até ele e avise que terminou. Epimeteu concordou, e assim foi feito o combinado. Ele fez seu plano e disse que iria fazer vários animais. Ele tinha uma veia artística, mas meio descontrolada. E, de maneira brilhante, começou a fazer um animal atrás do outro, um mais lindo que o outro. Criava em segundos animais perfeitos, que poderiam viver despreocupados, porque eram perfeitos em si, nasciam com todas as partituras necessárias para a vida. Alguns já cantavam belas canções nos primeiros segundos de vida. Epimeteu fazia pássaros com capacidades impressionantes, com cores lindas, cantos extraordinários, com olhos e corpos perfeitos – adicionava neles partituras perfeitas, completas, que passariam a ser só deles, praticamente a música inteira que iriam tocar, desde o primeiro até o último som nasciam

pássaros completos. Fez a girafa, fez a onça, fez todos os animais, criou centenas de milhões de espécies. Animais que jorravam veneno, que corriam em velocidades estrondosas, com capacidades de se adaptar em qualquer ambiente, que nem precisam ir a shoppings comprar roupas, como, por exemplo, as onças que nasciam banhadas em lojas de tão lindas, com texturas lindas. Epimeteu fez tudo! Zeus, olhando lá de cima, de seu posto de Deus, disse: “caramba!”, “que legal, está ficando show de bola, agora sim está tendo sentido tudo isso”.

Prometeu começou a se preocupar, porque fazia dias que aguardava Epimeteu, e nada de ele chegar. Resolveu, então, ir atrás dele. Caminhando, começou a se direcionar para os sons que escutava bem baixinho, parecia que várias músicas tocavam ao mesmo tempo. Chegando mais próximo dos sons, encontrou Epimeteu em êxtase, como um maestro, só que parecia tocar dezenas de orquestras ao mesmo tempo.

Prometeu gritou várias vezes o nome de Epimeteu, tentando ver se ele conseguia escutar. Mas sem sucesso. Epimeteu estava dominado por tudo aquilo que acontecia – estava embebedado com seu espírito. Ele não queria parar mais, porque nunca conseguiu encontrar em sua vida uma sensação como aquela que sentia. Nunca se sentiu tão vivo, completo e poderoso ao mesmo tempo – ele estava se encontrando com sua música, delirava, sentia como se algum

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

Deus falasse dentro de seu corpo. A música de Epimeteu lembrava *Carmina Burana – O Fortuna*.

Não teve jeito, Prometeu teve de sacudi-lo para que voltasse ao estado normal. Epimeteu parecia que retornava de um sonho. Estava delirando – olhando nos olhos de Prometeu, aos poucos foi voltando, caindo em si, saindo daquele estado de torpor. Prometeu aguardou, porque viu que ele estava meio esquisito, e esperou que se acalmasse. Então, Epimeteu retomou a consciência. Prometeu havia percebido e perguntou-lhe: “meu querido, terminou sua parte?”. Epimeteu diz: “acho que sim”. Prometeu olhou para tudo que foi criado e o elogiou, dizendo que estava perfeito, que nunca havia visto algo parecido, que Zeus deveria estar muito feliz com o trabalho que estava sendo realizando.

Prometeu pede a Epimeteu para lhe entregar a caixa com as partituras e os sons, porque agora ele deveria fazer sua parte. Epimeteu, curioso, pergunta para Prometeu: “o que irá fazer, meu amigo?” Prometeu responde: “pensando muito enquanto você trabalhava, gostaria de criar algo que fosse nossa imagem e semelhança: que tenha um corpo, mas também uma alma, que consiga tomar suas próprias decisões, e controlar seus instintos, com suas partituras enraizadas – escritas completas, com as mais belas notas! Consigo sentir essa criação agora tocando dentro de mim, tudo junto e misturado. Quero criar apenas duas formas, mas também

quero que sejam parecidas, que fiquem ligadas eternamente, que tivessem algo muito mágico e que esse algo se chamasse amor. O amor terá a tarefa de ajudar afastar o que é feio, envergonhando todos que insistirem em não lutar por aquilo que é belo. Se forem pegos em atos vergonhosos, sentirão que aquele que os ama, do mesmo modo, viverá também entristecido, porque também sentirá vergonha da sua escolha – em ver que seu amante é fraco, sem coragem, que opta pelo mais fácil e disponível, que escolhe viver pelo caminho feio, em vez de buscar tudo que é divino. Ele ajudará em suas decisões mais difíceis, dirigindo suas vidas para tudo o que é nobre. Meu amigo, Epimeteu, esse amor de que lhe falo deixará os homens corajosos, será a fonte de heroísmo e inspiração da moral. Afortunados serão os que amam e são correspondidos, porque amar será ainda mais divino que ser amado. Ele será perturbador para aqueles que não conseguiram enxergar suas almas, suas partituras, seus sons mais belos, pois terá o papel de tirar o vício dos corpos, daqueles que tentarão viver apenas pelo corpo, como sacos vazios. Essa coisa chamada amor será tão grande e admirável que se estenderá para além do próprio homem, seu efeito será divino. Moverá todas as coisas que estão à volta. Será contagiante e alegrador para a vida. O homem só sentirá a si, suas músicas, se conviver com outro homem. O amor não se manifestará sozinho, será necessário que outro homem o provoque. Assim ficarão as duas partes amarradas

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

eternamente, uma dependendo da outra. Passarão a vida procurando sua metade. O que faltar em uma parte será encontrado na outra; como a flauta e o vento que a sopra. O piano e o pianista. A música e o ouvinte. A falta e o amor. Viverão em busca da música perfeita. Viverão em uma constante e incansável busca de si, de suas partes que vivem no outro. Amadurecerão com o contato com o outro. Suas almas serão adivinhas. Quando encontrarem o amor que buscam, mesmo não decifrando o que ele é, e o que estão sentindo, por enigmas, suas almas lhe mostrarão o pedaço que falta. Seus corpos se sentirão fundidos com a alma. Tudo ficará repleto de sentido. Como a luz do dia que afasta a escuridão da noite. Sentirão como dia e noite. Horas mais iluminados, outrora em escuridão. Mas será a escuridão que dará sentido na luz. Como havia dito, esse amor não será algo que se conquista apenas uma vez, ele deverá ser conquistado todos os dias, como a luz sobre a escuridão. Os homens que desejarem desfrutar dessa vida nobre deverão viver sempre juntos. E se conseguirem, serão eternamente jovens, belos, corajosos, justos e sábios. Ao contrário dos que amam, esses terão uma vida triste, sem sentido em suas vidas. Não conseguirão escutar as músicas que são tocadas em tudo aquilo que está vivo, jamais serão tradutores dos lábios da divindade. Viverão carentes de beleza. Com corpos jovens, se sentirão eternamente insatisfeitos, se sentindo feios, velhos de

espírito. Suas almas serão prisioneiras de seus corpos. Experimentarão a infelicidade em seus corações”.

– “Prometeu, então esse tal de amor será praticamente um Deus?”. “Não, Epimeteu, não confunda o amor com aquilo que é eternamente perfeito, belo. Um Deus com um homem não se mistura. Mas será através dele que haverá os encontros. O amor será aquilo que conectará o homem com sua música, com o divino – mesmo naqueles homens que insistem em viver dormindo. Ele vai ajudar o homem a enxergar sua beleza, a escutar a voz da sua alma. Ele deixará tudo completo, ligada uma coisa com a outra. Ele estará no meio da sabedoria e da ignorância. O amor será amor pelo belo. E por ser amor pelo belo forçará o homem a buscar a sabedoria, o sentido para a sua vida, a conseguir viver mesmo diante do feio – de superar situações extremamente difíceis. A alcançar a imortalidade que lhes é possível. Ele estará presente em todo o cosmo”.

Quando Prometeu finaliza a explicação a Epimeteu sobre o que iria criar, o homem e o amor, Epimeteu se retira em silêncio, pensando no quanto será magnífica a obra de seu amigo. Antes de sair, Prometeu pede-lhe a caixa que Zeus lhe havia dado com as partituras e notas. Epimeteu vai até o local em que estava realizando seu trabalho e a entrega a Prometeu. De repente, Prometeu toma um susto! Dentro da caixa havia três ou quatro partituras e mais alguns sons espalhados ao canto. Em desespero, diz: “Epimeteu, o que fizeste?”.

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

Epimeteu, cabisbaixo, e com voz mansa, diz: “Prometeu, não consegui me controlar. Comecei a utilizar as partituras, uma a uma, todos os sons disponíveis e entregues por Zeus. Eu me diverti muito, porém, olhando para a caixa agora, percebi que acabei utilizando mais do que deveria utilizar, acabei com quase tudo. Por favor, me perdoe! Estava muito empolgado com tudo que estava sentindo. Foi uma das primeiras vezes que senti a minha própria música tocar em sua maior potência”.

Prometeu: “E agora, Epimeteu, com que irei fazer o homem? Como criar um ser quase totalmente vazio? Sem seu programa de homem? Não sobrou nada para o homem! Meu Deus!, tenho que fazer o homem de qualquer jeito”. Prometeu, confuso, começou então a pensar, a procurar a melhor saída, identificar o que daria para fazer em relação ao seu trabalho, à ordem dada por Zeus.

Então, lembrou que muito tempo atrás havia conhecido um outro Deus, jamais como Zeus, que tinha lá seus talentos e capacidades e que talvez poderia ajudá-lo a pensar. Prometeu partiu imediatamente em busca desse suposto amigo Deus e, claro, Epimeteu resolveu ir junto, até porque a culpa o dominava, estava se sentindo muito mal depois de ter gastado tudo, ainda mais depois que escutou aquele belíssimo discurso que Prometeu fez sobre o homem e o amor.

Dias se passaram e finalmente encontraram o tal Deus. Contaram-lhe tudo que havia acontecido. Sensibilizado, ele os convidou para entrarem em uma sala muito grande, cheia de livros, poltronas, um teto lindo, coisas de deuses. Ficaram estupefatos com a beleza e harmonia do ambiente, mas também curiosos para saber se ele poderia ajudá-los.

O Deus sentou-se em sua poltrona, Epimeteu ficou mais ao canto e Prometeu bem próximo, com os olhos estatelados, ouvidos em pé, carente para saber o que fazer.

O tal Deus, após alguns segundos de silêncio, pergunta: “Prometeu, o que o motivou a criar o homem?”. Prometeu responde: “Zeus, gostaria de ter algo que não existisse, e o homem seria a minha criação para esse pedido”. O diálogo segue:

Deus: “E por que o homem não existia ainda?”

Prometeu: “Porque nunca faltou o homem para nós”. Agora com o pedido de Zeus, um vazio nos tomou conta. Quando vi Epimeteu fazendo os animais percebi o quanto ainda faltava. Percebi que sua criação era reflexo da sua arte, e isso lhe causava vida. Do mesmo modo, senti a necessidade de criar o homem”.

Deus: “Se estás dizendo que graças ao vazio Epimeteu encontrou-se com sua arte em mais pleno gozo. Senti que realmente sua vida estava sendo vivida na mais alta potência – que cada instante era divino. Por que está incomodado por



PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

sua caixa encontrar-se praticamente vazia? Com poucas partituras e sons?”

Prometeu, de súbito, conseguiu pensar e diz ao Deus:

“Obrigado! Obrigado! Já sei o que estás querendo me dizer. Que o homem deve ser criado com o que tenho, mas que não deve ser feito com sua música pronta, com todas partituras e sons, como fez Epimeteu com os animais. Eles vivem completos, sem vazios, sem pensar. Viverão aprisionados dentro daquilo que são. Diferentemente deve ser o homem: um buscador daquilo que deve se tornar. Deve conquistar seu lugar no mundo. Viver através das suas escolhas, já que o amor existirá”.

Deus: “Isso mesmo, Prometeu. Observe que se não estivesse com seu vazio aberto, escutando o que teria para dizer, jamais escutaria sua música. Quando escutamos o que a vida tem a nos dizer, vivemos em sentido. Não cobre nada da vida. Apenas escute os sons que ela tem tocado. Lembra que a alma do homem que será criada é adivinha e lhe entrega os enigmas? A vida é assim. Um vazio infinito que nunca será completo. Tudo está em constante expansão. Em nosso diálogo, tudo não é tudo. Perceba, Zeus desde o início chamou a atenção de vocês, pedindo-lhes que continuassem as transformações. Criou em vocês vazios. Nada está parado, Prometeu. Tudo está transformando e sendo transformado. Eis o seu homem – fruto do caos, da criação contínua. Vá,

siga seu caminho e comece suas transformações. Faça o homem cheio de vazios. Com corpo e alma. Isso não o forçará a procurar suas maiores qualidades? A sabedoria e o amor? Os vazios não seriam as chaves para o segredo da imortalidade? Coloque as partituras e os sons da astúcia e da coragem, elas bastarão para que a música comece a tocar”.

Prometeu: “Obrigado! Eu lhe serei eternamente grato”.

Prometeu ficou irradiante quando viu o que poderia fazer do homem. Imediatamente, se levantou e criou o homem, que nasceu diante de seus olhos com duas potências: astúcia e coragem. Ficaram felizes, pois haviam conseguido criar o homem e completar a tarefa de Zeus. Só que Prometeu sabia dentro de si que sua criação não era perfeita, e que durante a vida o homem teria de correr atrás para desenvolver seus dons, habilidades, todas as suas capacidades humanas – superar todas as suas carências, angústias, faltas, ausências daquilo que não veio com a criação. Teria de buscar eternamente escutar e tocar ao mesmo tempo a música que havia começado no instante da criação. A busca que seria a chave para a porta do sentido da vida.

Sabia também que com astúcia e coragem o homem já conseguia sobreviver, e isso deixava Prometeu mais tranquilo. Porque o homem poderia conseguir buscar tudo aquilo que lhe pertencia, que faz parte da vida humana – que poderia

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

chegar ao final da sua vida com uma história para contar. E essa história lhe daria um sentimento de dever cumprido, de vida vivida, construída.

Então, diferentemente de um grilo que já nasceu perfeito, nasceu o homem, insatisfeito, não sabendo quem deveria se tornar, o que buscar, o que fazer com sua vida – já nasceu preocupado.

Os animais de Epimeteu nasceram sem preocupação, pois não sabem que irão morrer. Eles não carregam angústias, não choram à noite, não sentem falta de ninguém, não ficam de luto. Para eles, está tudo em perfeita harmonia, tudo certo. Seu programa de animal está rodando como deveria. E assim foram criados os animais, o homem e o amor.

Essa história parece a variação de uma história mitológica. Mas é o retrato da verdade, de um encontro com o real. Entendemos tudo isso quando simplesmente olhamos para o lado e vemos outros seres humanos com talentos diferentes – a maioria vive em uma busca alienada seja pelo consumo, seja por relacionamentos, trabalho, conhecimento, poder, dinheiro, de tudo aquilo que falta, que não foi consagrado durante a sua criação.

Para mais adiante, Erich Fromm dizia que “a principal tarefa do homem é promover o seu próprio nascimento. Que, aparentemente, nada é mais difícil de suportar, para o homem

comum, do que o sentimento de não se identificar com o grupo. Que a vida tem um dinamismo interno próprio: ela tende a crescer, a encontrar uma expressão e a ser vivida”. Em sua teoria ele explicava que a vida está carregada de angústia e impotência devido à nossa separação da natureza e dos outros. Que esses sentimentos podem ser superados se nos empenharmos em descobrir as nossas próprias ideias e habilidades. Se aceitarmos a nossa singularidade pessoal e se desenvolvermos a nossa capacidade de amar. Certamente Eric Fromm se parece muito com o nosso Prometeu e com vários dos fragmentos deixados ao longo desse conto.

O homem, mesmo sendo um abismo ambulante, ainda assim é um homem – mais evoluído que uma girafa, abelha e todos os animais com que convive. Sua capacidade de pensar, transformar representações em ideias, criar novos paradigmas de vida, o coloca em uma posição diferenciada. Ele tem a capacidade para se tornar o que pode ser. Sua vida é poderosa, porque consegue colocar sentido em tudo o que o rodeia, diferentemente dos animais, que viverão aprisionados em seus programas de animais. Ele tem o poder de fazer seu sofrimento desaparecer quando sua vida ganha sentido. Aprende que ninguém se torna completamente homem sem experimentar a dor. Tem a oportunidade de construir outros de si, de perpetuar sua espécie, seu gene. Sua família se torna uma fábrica de sentido e de homens. E admite que sua história de vida não determina seu destino, que tudo é

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

incerto. Aliás, a incerteza é outra chave para sua busca pelo sentido. Ela contribui, mesmo causando dor, para que toda pessoa possa ter a oportunidade de crescer diante dos problemas mais terríveis. Sócrates, em sua filosofia, nos mostrava o quanto vivemos na superfície, acreditando em representações e formulando inverdades. Um de seus diálogos nos mostra o poder da incerteza:

“Você acha que os deuses sabem de tudo?”

Sim, porque eles são deuses.

Alguns deuses discordam de outros?

Sim, claro, que sim. Eles estão sempre brigando.

Então, os deuses discordam sobre o que é verdadeiro e certo?

Imagino que sim.

Então alguns deuses podem às vezes estar errados?

Pode ser.

Então deuses não podem saber tudo!”.

A vida em si se torna em síntese, uma representação dramática daquilo que se tornou – a medida de si mesmo. O grande filósofo Arthur Schopenhauer dizia que todo homem toma os limites de seu próprio campo de visão como os

limites do mundo. Que cada homem escuta sua própria música. Que tem sua versão do mundo limitada, porque suas observações são limitadas e, por isso, faz um vasto universo mental. Suas observações são limitadas, mas também suas experiências, das quais são apenas uma vontade individual que faz parte do todo. Que no final a versão do mundo não inclui coisas que não percebeu – os limites de seu próprio campo de visão são tomados como os limites do mundo. Em síntese, dentro de cada ser humano existe seu mundo singular, um mundo vivo, as suas próprias criações – suas partituras escritas ao longo da vida. Melanie Klein, psicanalista, ensinava para seus pacientes e alunos que a vida interna é mais real que a vida externa.

Essa história vem nos ensinar que, mesmo a vida sendo sem sentido em si, o homem consegue criar algo para si e para seus pares – que se sustenta no meio do caos porque foi criado como homem. Sua linguagem, repertório mental e motor, é um produto próprio, desenvolvido pelo contato com outros homens. Para se fazer um homem é preciso outro homem. Berkeley dizia que tudo isso tem um único objetivo: ser percebido. Que uma coisa só existe à medida que ela percebe ou é percebida.

Enfim, todo homem é reflexo de si mesmo. Porém, jamais enxergarão a si mesmos de maneira profunda, clara, objetiva, porque a maior parte da sua criação, de seus maiores pedaços é feita pelo meio social, pela produção e

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

movimentação dos modelos humanos desenvolvidos e em desenvolvimento. Praticamente um caos organizado, um método coletivo, que permite a cada ser buscar sua própria música – tornando mais potentes as partituras quando se fundem. Só existe caos no mundo, porque existe caos no mundo mental. O caos é falta. A vontade de preenchimento do vazio existencial. A potência que deve ser exercitada, transformada. A música que deve ser tocada. O desejo de ser um animal criado por Epimeteu, que não sente angústias, faltas, dor, que nada nos perturbe. Que nossa alma possa estar completa, preguiçosa, em paz com a vida.

SEXTA NOTA

“Místicos e poetas sabem que o Paraíso está espalhado pelo mundo – mas não conseguimos vê-lo com os olhos que temos. Somos cegos. O zen-budismo fala da necessidade de se ‘abrir o terceiro olho’. Repentinamente, a gente vê o que não via! Não se trata de ver coisas extraordinárias, anjos, aparições, espíritos, seres de um outro mundo. Trata-se de ver nosso mundo sob uma nova luz”.

(Rubem Alves)

A melhor pedra de crack sempre será a primeira, as outras tragadas são escravas da primeira, pois o fumante busca encontrar o prazer da primeira, chega até a abrir mão da própria vida para que sinta o mesmo prazer. Sua vida é fígada, porque implora para que o prazer retorne na mesma proporção. Morre implorando.



PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

Diferente da busca pelo prazer, a alegria é um estado mais potente do próprio ser. É quando conseguimos elevar nossas potências acima do nível em que estamos. Quando algo de bom acontece, ficamos alegres, mais potentes do que estávamos – e desejamos que aconteça novamente. A alegria é insaciável. Não estou só falando de profundas alegrias, como o nascimento de um filho, casamento e bilhete premiado da loteria. Ficamos alegres também com pequenas coisas – quando voltamos de uma viagem e entramos em nossa casa que estava fechada havia dias. Quando olhamos no espelho e sabemos que temos um lugar para ir trabalhar. Quando alguma boa ideia nos toma a cabeça. Quando fazemos caretas para nossos filhos. Quando escutamos uma bela música. Quando lemos um bom livro. Quando algo consegue elevar nossa potência acima da faixa em que está. Curiosamente, são as coisas inúteis que nos provocam alegria.

Com o prazer é diferente. É possível ter um prazer triste, precisamos tomar cuidado. Comida pode dar prazer, mas pode também nos entristecer. Sexo pode nos dar prazer, mas pode nos escravizar. A alegria será sempre um estado de maior potência do ser. É aquela sensação que nos deixa mais entusiasmados com a vida, mais fortes emocionalmente – é aquele sentimento que permanece, que pode ser resgatado a qualquer momento. Uma boa lembrança pode nos deixar em um estado de profunda alegria. É aquilo que carregamos

dentro de nós, que pode ser ativado em qualquer lugar, em qualquer hora. Você pode estar em um campo de concentração nazista, e conseguir ficar por alguns instantes alegre. Sabia disso Viktor Frankl, que usou essa estratégia para continuar vivo: “O sentido de vida difere de pessoa para pessoa, de um dia para o outro, de uma hora para outra. O que importa, por conseguinte, não é o sentido da vida de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento. Se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá. Afinal de contas, o sofrimento faz parte da vida, de alguma forma, do mesmo modo que o destino e a morte. Aflição e morte fazem parte da existência como um todo. Precisamos aprender e também ensinar às pessoas em desespero que a rigor nunca e jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós”. Os gregos diziam que para enfrentar o trágico é preciso estar inundado de beleza. A alegria é beleza, ela nos dá motivo para viver. Alegria é música!

Todas as dores do corpo estão ligadas com a vida, elas nos provam que estamos vivos. Sem dor morreríamos rápido. Não sentiríamos saudade. Vontade de ter mais prazer. Não saberíamos o que seria a felicidade, porque viveríamos anestesiados. Para sentir o prazer é necessário conhecer o desprazer. Para ser feliz, é preciso provar a infelicidade. É a tristeza que nos mostra a grandeza da alegria. O feio que nos

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

faz descobrir a beleza. Para ser quem desejamos ser, temos que aprender a escutar a sinfonia do mundo mental.

Em uma cidadezinha do interior de Minas Gerais existia um menino que, como os outros, brincava por toda a cidade. Desde pequeno tinha feição agitada, seu corpo era inquieto, não conseguia ficar muito tempo parado. Aliás, minto, seu corpo ficava parado quando tocava violino, só o corpo, porque dava para sentir toda a sua inquietude sendo transferida pela música, que canalizava suas energias – seu corpo paralisava, entrava em transe, toda aquela energia virava mágica, abrindo um universo de fantasias, paralisando não apenas o menino, mas todos aqueles e aquelas que à sua volta estavam.

Música toca a alma, criança também. Imagine uma criança que desde pequena já consegue escutar sua própria música. O mundo para uma criança é uma grande sinfonia. Às vezes pego meu filho de cinco meses olhando um molho de chaves, fica minutos paralisado. Fico pensando o quanto nossa alma já nasce poeta. O poeta que olha para uma chave e não enxerga chave. Ele, como o bebê, fica paralisado assistindo ao que não é chave. Parece que as chaves entram dentro do seu corpo e se misturam, formam grandes mundos, imagens extraordinárias. Depois de adultos, ficamos cegos, não reparamos mais em toda beleza que nos rodeia. Um bebê com um molho de chaves consegue se encantar. Já encantar

adultos é tarefa difícil. Muitos passam a maior parte do tempo tristes, repetindo tarefas, entediados, sem tempo – contando seus problemas para outros que cruzam seu caminho. Que pena que esquecem que um dia já foram bebês, e que dentro deles existe esse poder de encantamento. Um bebê jamais entrará em depressão, porque para ele tudo é música. E música é sentir a alma se elevar acima de si mesmo. Por isso que na psicanálise é importante reavivar as lembranças de quando o paciente era criança. Os nossos bebês internos nos salvam muitas vezes, porque souberam gravar os sons em sua mais plena pureza. Um dia escrevi que meu filho era pureza, e para mim ele servia como purificação. Isso mesmo, as crianças existem no mundo para lembrar os adultos que a vida é uma sinfonia.

A música de Luís era escutada por todos os vizinhos que moravam naquela cidadezinha – ele adorava chamar a atenção. Gostava tanto de chamar a atenção que o pessoal da cidade o apelidou de artista. Seu nome de registro era Luís Beto de Moraes, não me perguntem o porquê deste nome que não saberei dizer, ainda mais seu significado. No interior é assim mesmo que funciona, as pessoas nomeiam as outras em homenagem aos jogadores de futebol, cantores de músicas sertanejas. Outros preferem usar uma letra só para todos nomes da família, Zilu, Zuleide, Zilda, Zumara, e assim vai. Os mais conservadores usam o nome de alguém da família que já faleceu. Mas existem também outros que, para chamar

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

a atenção, e se diferenciar dos demais, procuram um nome de americano, acham chique. Daí ficam lá os coitados dos meninos jogando bola no chão batido de terra, com nomes de Richard, Franklin, Jimmy, Hilary – nem eles mesmos entendem o porquê desses nomes. Mas também não se preocupam com isso, sabem que serão chamados mesmo pelo apelido. No interior quem dá o nome não são os pais, mas a população mesmo. Até gosto da ideia, porque diferentemente do nome que serve como uma placa, o apelido é criado através de uma característica, algo que parece transbordar na pessoa. Exemplo, oreia para aqueles que tem as orelhas um pouco avantajadas; alemão e galego para os branquinhos; cabeça para os arrojados de crânio ou inteligentes; baiano para os calmos de espírito; pangaré para aqueles que dão fora sempre; salsicha para os de corpos compridos; bactéria para os pequenos; e assim vai uma lista demasiada. Gosto de apelidos porque eles dizem o estilo de sons que a pessoa gosta de tocar. Já o nome, é dado mesmo antes de se saber o que virá a nascer – impossível alguém adivinhar a música de quem ainda não nasceu. Mas a natureza é sabia, consegue adaptar tudo. Richard vira o Bactéria; Franklin, o Pangaré; Luís, o Artista.

Agora, fala a verdade, sempre tem um próximo de nós chamado de artista, tanto o mais sensível quanto o que faz

merda – ambos são chamados “o Artista”. No caso de Luís, era pelo seu talento com a música.

Luís tinha uma força interior espantosa, determinado, direto, já sabia desde pequeno por que tinha sido feito, sua sensibilidade não cabia em seu corpo. Tem gente que nasce assim mesmo. Compra a passagem, sem dúvida. É o que aconteceu com o músico Guiomar Novaes: "Tocar piano nunca foi um esforço para mim. Há pessoas que estudam seis, sete ou oito horas por dia. Acho-as admiráveis. Talvez tenham muito a preparar, é natural. Eu nunca estudei tanto tempo; não tenho paciência. Gosto de tocar piano uma ou uma hora e meia e depois olhar para o céu. Mais tarde volto ao trabalho." Com Mozart foi assim, com Nelson Freire e tantos outros. Claude Debussy dizia que música não se faz com teorias. Concordo. Meu corpo está cheio de música. Nascemos com elas. Um bebê não aprende a andar com teoria. A música que toca em seu corpo que o ensina. Crianças que não vão à escola aprendem a falar.

A música está em todos, em cada biboca, cada corpo que vive. Arthur Rubinstein quando toca Chopin sente que está vivo, se emociona, porque sabe escutar Chopin. Ele expressa essa beleza em seu comentário: “Chopin fez uma revolução na música tradicional para piano e criou uma nova arte do teclado. Era um gênio de enlevo universal. Sua música conquista as mais distintas audiências. Quando as primeiras notas de Chopin soam por entre o salão de concerto, há um

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

feliz suspiro de reconhecimento. Todos os homens e mulheres do mundo conhecem sua música. Eles amam isso. Eles são movidos por isso. No entanto, não é uma ‘música romântica’, é expressiva e pessoal, mas ainda assim uma arte pura. Mesmo nesta era atômica abstrata, onde a emoção não está na moda, Chopin perdura. Sua música é a linguagem universal da comunicação humana. Quando eu toco Chopin eu sei que falo diretamente para os corações das pessoas!" Quando conseguimos reconhecer no outro a sua música, ficamos sem defesas. Ela, de súbito, nos invade, nos toma, como toma o corpo daquele que a transmite.

Luís, o Artista, também era assim, vivia possuído. Tinha mãos pequenas, rápidas, físico magro, com cabelos lisos, escorridos, daqueles que quando cortam ficam arrepiados de tanto redemoinho na cabeça. Suas sobrancelhas eram grossas, bonitas, não eram demais nem de menos, sorriso largo, encantador, olhar vibrante, sensível e penetrador. Artista era daqueles que quando olha, olha o que está atrás dos olhos daquele que está em sua frente. Sua pele morena, escurecida, parece que puxou os dois lados de seus pais, pois sua mãe era negra, e seu pai branco como leite. Artista era a mistura. Eram em três irmãos: Luís, Cleber e Carla. Luís era o do meio, Carla a mais velha e Cleber o caçula. Era para serem quatro. Seus pais, Adalina e Nelson, perderam um, que iria se chamar Arthur. Que dó, nem

apelido ainda tinha. Adalina, mãe de grande coração que era, daquelas que doa sua vida para seus filhos, sofreu muito, e teve até que fazer tratamento com um médico da cidade.

Seu Nelson sempre foi um pai exemplar, cuidava muito bem da família, homem trabalhador, apaixonado pela vida. Tinha uma condição razoável, era gerente em uma firma de doces da cidade. Ela exportava doces para todo o Brasil. Seu Nelson controlava a produção. Sua vida era seu trabalho e a família. Seus funcionários eram todos da cidade, já se conheciam antes mesmo de a empresa fazer tanto sucesso. Ele como gerente quase nem precisa fazer entrevista para contratações, pois já sabia da vida de quase todo mundo. Cidade pequena é assim, um condomínio gigante. Pelo fato de ter uma carreira boa, conseguiu proporcionar a seus filhos estudo e arte. Luís era um dos poucos na cidade que tinha um instrumento musical. Cleber ainda estava muito pequeno, ficava em casa sob os cuidados da mãe. Lá não tinha essa coisa de criança ir para a escola, para berçários antes dos dois anos de idade. Carla ajudava a mãe cuidar dos irmãos; e adorava estudar matemática. Sempre dizia que iria ser engenheira. Era também muito sensível, os números não somavam em sua cabeça, eles se divertiam. Tem gente que tem a cabeça como calculadora. Carla era diferente, os números tinham vida, se expandiam além das contas, ganhavam formas além dos simples números. A matemática para ela se traduzia em arte. Um pêssigo entrava em sua



PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

cabeça e se transformava em ameixa. Ela também já conseguia escutar sua música. Escutava pela maneira de Sócrates, que dizia: “A vida irrefletida não vale a pena ser vivida”. Ela aprendeu a pensar como uma montanha. O Artista não sabia se expressar através da linguagem, de esculturas, sua música era a própria música. Ele se encantava quando escutava os sons do seu violino.

Trinta e três anos depois... Nelson havia se aposentado na fábrica de doces. Fizeram uma grande homenagem em sua despedida. Com filmes e fotos antigas. Relembrou os grandes momentos que presenciou. Foi muito emocionante, porque muitos de seus amigos não estavam mais vivos. Seu Nelson pôde olhar para trás e ver o quanto sua vida estava valendo a pena. Ainda mais agora que Cleber, o caçula, seguia seus passos: já estava trabalhando na empresa, no setor de estoque. Cleber amava a figura do Pai, queria ser idêntico, era apaixonado por ele.

Carla se tornou engenheira, havia se casado com Eduardo, que era também engenheiro – juntos abriram uma empresa e se deram muito bem, pois eram extremamente dedicados e inteligentes. A música de seu pai, Nelson, provavelmente tocava dentro de Carla, pois trabalhava incansavelmente, fazia tudo com muito prazer. O filósofo Richard Rorty dizia que “não há nada em nosso íntimo, exceto o que nós mesmos colocamos lá”. Carla vivia assim, porque em seu íntimo conseguiu colocar parte da música de

seus pais, experiências de viver em uma cidade do interior, o conhecimento da matemática e a vontade de ter uma família como a sua. Nada em seu caminho poderia dar errado. Seu íntimo estava repleto de sons. Tocar sua música era coisa fácil. Ela sabia que poderia contar com sua família, com todos que contribuíram com sua vida. Nas horas de medo, não precisava ligar para algum deles, bastava resgatar de seu íntimo a figura que representava o melhor som. Resgatava a força do pai, o acolhimento da mãe, a ternura e diversão dos irmãos, os incentivos dos amigos – muitos sons saíam de uma só vez. Ela apenas escutava a música e superava o medo que estava sentindo. Nietzsche dizia: “Quem tem um porquê de viver supera qualquer como”. Carla tinha muito o porquê viver. Do mesmo modo acontece com os soldados que estão na guerra. Mais do que suas armaduras, são suas lembranças que os salvam. E lembranças acumuladas no corpo são sons que eternizam músicas. Os sons estão nas palavras que não usamos.

Luís, o Artista, havia falecido havia alguns anos. Sua morte foi fulminante, em aproximadamente vinte e quatro horas – a meningite lhe retirou a vida. Os médicos tentaram fazer de tudo, mas não havia tratamento disponível para a bactéria que destruía seu corpo. Artista morreu com dezenove anos.

Se você, como Luís, recebesse a notícia de que teria apenas vinte quatro horas de vida, o que faria nessas vinte quatro horas?

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

Algumas horas antes...

Luís passa mal e é levado ao hospital. O médico rapidamente pede-lhe alguns exames. E Luís recebe o diagnóstico de meningite. Se o seu corpo não conseguisse reagir junto à medicação prescrita, teria aproximadamente vinte e quatro horas de vida. Seus pais iriam novamente reviver o sentimento da perda de um filho. Entraram em desespero.

Quando perdemos algo ou alguém, perdemos tudo que já perdemos na vida. Tem gente que se deprime porque perde uma caneta. O que seria um engano. A caneta só causa um sentimento a mais de perda – junto com ela pode vir a perda de um emprego, relacionamento, pais, filhos, do sentido da vida etc. O que se sente não é apenas a perda da caneta, são todas as perdas guardadas no corpo. O corpo inteiro se perde, fica sem chão. Assim aconteceu com os pais do Artista.

Os sentimentos do Artista nunca foram sufocados. Ele tinha um caso de amor pela vida. Sua música era ardente, encantadora, divertida, chocante – as pessoas adoravam sua companhia. Artista vivia a modo de Nietzsche, degustava cada instante. Se tivesse de viver sua vida infinitas vezes, sem ter que mudar um segundo do que viveu, a viveria eternamente com fervor e amor.

Luís pediu a seus pais que se aproximassem do leito. Beijou-os em seus lábios com um supremo carinho, refletido sobre seu terno sentimento de gratidão e amor. Seus olhos, profundos, umedecidos represavam as lágrimas. Sua música tocava como nunca havia tocado. Não era triste nem alegre. Era uma loucura encantadora. Só por um momento, haviam bastado aquelas notas fluindo. Com uma revelação súbita, sua alma estremecia por dentro, tentava se controlar, mas não conseguia – trêmulo, sentia que o mundo havia ficado próximo. Ele escorregava por dentro. Um sentimento de paz o dominava cada instante – sua mente via um clarão, queimava por dentro. Mas sabia que em breve aquele momento iria passar. Seu último nó estava se afrouxando – logo desataria.

Sem dúvida, Luís estava sentindo o que homens deveriam sentir durante toda a vida. Era um ser privilegiado – transcendia sua própria forma. Naquele momento ele se encontrava aprisionado em seu corpo. Era tudo, menos corpo. O corpo havia cumprido sua missão – se tornava grotesco e esplêndido, era tal como alguma coisa primitiva concebida. Não se encontrava mais Luís, Artista ou corpo. Tudo se tornara música.

Nascemos sem corpo. Um bebê demora meses para descobrir que tem um corpo. Acredita que nos primeiros dias ainda está dentro do útero de sua mãe. Aos poucos se espanta com a forma das mãos e dos pés. Seus olhos demoram meses para conseguir enxergar algo precisamente. Interessante que

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

os ouvidos já nascem prontos, talvez seriam causa da música. Na vida adulta, muito do que o corpo sente não se sabe o que significa. A música que toca é o que faz o corpo se fazer. Um som toca, uma mãozinha se mexe. Outro som toca, é a vez dos pezinhos. E assim o corpo vai aprendendo a dançar a música que toca. A primeira perda que sentimos é no parto – quando saímos de dentro do útero de nossas mães. Lá dentro não sentíamos angústia, tristeza, saudade, dor, fome, frio ou calor, tudo é perfeito, a felicidade é plena. A última perda é na morte – a libertação do corpo. Entre a primeira e a última experiência de perda, existe a perda do corpo. Enquanto vivo, passa a vida inteira procurando retornar ao útero, a fim de buscar sentir novamente a felicidade plena. O corpo vive como o viciado em crack, que passa a vida buscando a sensação da primeira pedra tragada. Quando sua vida é tirada pelo vício da droga, seu corpo se perde por inteiro, se liberta de si mesmo. Não sei dizer se, após essa libertação do corpo, o sentimento de felicidade plena retorna, se existe triunfo sobre a anatomia. Luís estava próximo de descobrir. Virgínia Woolf suspeitava e dizia que “Estas são as mudanças da alma. Eu não acredito em envelhecimento. Eu acredito em alterar para sempre o aspecto de alguém para a luz. Eis meu otimismo. A vida é como um sonho; é o acordar que nos mata”. Assim, entre a primeira perda e a última, damos festas para encobrir o silêncio.

Artista pede a todos que fiquem na sala, porque estava com o desejo de compor sua última música. Seu nome já até passeava em seu corpo. Ela se chamaria *A carta de amor*. Artista, contudo, havia criado algo novo, naquele momento entregaria uma mudança espetacular em seu modo de criação: um relato exuberante de uma vida feita de pura música. Sua imortalidade estava prestes a ser conquistada. Artista parece gozar desde seu nascimento de uma forma privilegiada de se manifestar, seus encontros consigo mesmo excorporavam sonatas de grandes magnitudes. Não fazia diferença se as estava tocando nas ruas estreitas de sua cidadezinha ou no palco – elas saíam sem julgamento, com a pura essência da música. E se tornavam insuportáveis de tão belas.

“A carta de amor”

Estou indo comigo. Cheguei a esse mundo sem mim. Nunca estive adaptado às circunstâncias que ele me apresentaria. Em meu caminho, foi a beleza que me acolheu. Tive a oportunidade de encontrá-la em vários homens. Ela me salvou de tantos outros. Descobri ao longo dos dias que ela estava espalhada por todo o mundo, que havia também dentro do meu corpo, que nascemos com ela. Aliás, nunca entendi se nasci com ela ou ela provocou meu nascimento. Desde que descobri tenho tentado nascer todos os dias.

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

Acredito que alguma “coisa” dentro de mim sempre desejou me imortalizar.

Agora sei que o que vai nos imortalizando durante a vida é o mesmo que vai nos embelezando. O sentimento de encontro consigo mesmo é a maior beleza que um ser humano pode proporcionar a si. Encontrar sentido nas escolhas. Sentir que pode ser útil, que tem seu lugar no mundo. A música foi o meu lugar. E a busca pelo meu lugar sempre foi a música que desejei tocar.

Levarei tudo comigo, tudo que bebi entre minha nascença e minha morte. Cada lembrança guardada dentro do meu corpo. Cada montanha que atingiu meu peito. Levarei as verdades de criança, porque só as crianças são de verdade – mal se conhecem e já formam bandos, amigos, instantes de alegria. Foi quando criança que aprendi escutar a música de verdade. Aprendi com ela a separar as coisas. Uma delas, a verdade da mentira. Aprendi que só se conhece quem é de mentira quem é de verdade. Adultos de mentira precisam do interesse para se sentirem vivos. Adultos de verdade são crianças grandes. Criança significa criar o bem. Criar esperança.

Não se preocupem com a relação entre minha morte e minha idade. Sempre vivi sob o comando do relógio interno. Tentaram me impor relógios cronológicos, criados pela abstração da cultura, mas nunca funcionou comigo – a duração da existência nunca me importou, mas sim conseguir

existir. Sei que consegui. A nona sinfonia não chegou a durar duas horas. Mas está viva, existe até os dias de hoje. Tenho sentido que minha vida durou uma noite, confesso. Estavam certos todos quando disseram que a vida passa rápido.

Vivi além do corpo. A música sempre esteve além dele. Se não fosse assim, a música era de mentira. Sim, existe música de mentira. Meu corpo nunca foi tão relevante, pois sempre foi julgado pelo sexo, estatura, peso, cor, preferências – dificilmente uma outra alma valorizava sua música. Ele me ajudou muito, mas também atrapalhava. Tinha que parar inúmeras vezes ao dia para alimentá-lo, para descansar; e agora está me dizendo que não aguenta mais. Lembro também que quando a música tocava em sua mais alta potência, ele estremecia, não dava conta de suportar. Às vezes penso que a música se tornou muito forte para ele e, talvez por isso me encontro nesta condição.

Tão-somente prefiro que escutem meus sons, porque a beleza não é estática, é dinâmica. Não importam as fotografias, mas os sons que um dia produziu. Fotografias são baús que guardam instantes mortos. Nada jamais será o que foi. Sobra apenas saudade. E saudade é a falta daquilo que não existe como um dia existiu. São músicas que não conseguem tocar mais.

Hoje minhas asas batem como nunca. Meu corpo não existe, estou leve. Sinto que estou longe de tudo que sempre tentou me confundir. Ainda bem que durante a vida aprendi a



PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

chorar e a cultivar flores fora da primavera. Todo meu sofrimento foi matéria-prima para cada composição, cada som que soava diferente, que me surpreendia pelo seu tom. Sempre soube que toda música acaba. Mas também que as músicas verdadeiras têm espaço para se eternizarem pela beleza.

Meu fim está sendo mais uma oportunidade que a vida está me oferecendo – vida, enquanto viva, é música até o fim. Estou com medo. Não medo da morte, mas de sentir saudade. Estou agradecido por ter conseguido escutar os sons do amor. Estou levando comigo sons que ganhei de presente de cada um de vocês. Minha música se tornou a mistura de tudo o que me afetou. Tudo que consegui beber do mundo. Hoje sinto como se estivesse transbordando. Valeu a pena cada dia. Cada momento sofrido e alegrador. Não lamento nada de nada. O sorriso, meus ouvidos e olhos foram minhas maiores armas. Tenho orgulho do meu sofrimento. Ele que ainda me diz que estou vivo. Que, mesmo só com uma nota, estou livre para tocar. Sempre me disse que sou forte, que consigo ir um pouco mais longe. Que a alegria estava logo ali.

Nese instante percebo que estou me encontrando com o maior poder que uma música pode ter enquanto viva – o silêncio. Consigo sentir algo que nunca tive a oportunidade de sentir. A função da bela música é nos ensinar a ficar em silêncio.

Em silêncio deixo todos vocês.

Em silêncio deixo o meu corpo.  
Em silêncio torno-me plenamente música.  
Em silêncio, silencio.

Artista, lentamente olha para a janela do quarto e vê as árvores floridas, aprecia a primavera que já havia chegado. Nesta hora seus olhos escutam os últimos sons. Após um suspiro profundo, seu corpo não consegue tocar mais nada. Um silêncio denso paira sobre aquele instante. De repente, o silêncio se quebra com um intenso grito que brota da alma de sua mãe.

Outra música começa a tocar.

## SÉTIMA NOTA

Nenhum ser humano é capaz de esconder um segredo. Se a boca se cala, falam as pontas dos dedos.

(Sigmund Freud)

Ela – nunca houve indícios de que outro poderia ser ela. Desta vez, o cheiro resvalava por todo lado – não conseguia mais disfarçar todos os corpos. Vem à tona, quando entra no porão de sua casa, a imagem de todos os que foram assassinados. Cada um vestia uma fantasia. Deitados, e amontoados ao chão, um tapete escuro encobria quase tudo. Ela retira o tapete e, para seu espanto, não consegue ver o rosto de ninguém, apenas os corpos em pedaços. À primeira vista não conseguia entender que pedaço era de quem. Suspeitava-se de que alguém havia roubado todos os rostos. Perfurava nos vitrais de uma pequena janela um raio de luz bem discreto, porém, só entrava no porão quando nada do

lado de fora o encobria. Ela, surpresa com o que estava vendo, oscilava em seus pensamentos – estava se perguntando por que todos aqueles corpos não tinham sido enterrados. Desconfiava de que alguém muito cruel os havia deixado de propósito – alguém que sentia prazer em matar. Tinha quase certeza de que quem as matou também levou consigo seus rostos. Algo surge do lado de fora e interrompe o feixe de luz, e tudo de repente fica tão escuro. Ela, por não conseguir enxergar, se desespera, um sentimento de solidão lhe toma o corpo. Não era como a escuridão da noite. Ela não sabia muito bem descrever o que acontecia, estava desesperada. Mas fazia de tudo para ser forte. Desespero era coisa de gente fraca.

Com uma tremenda velocidade, a luz reaparece. Seu corpo salta na luz e se agarra ligeiramente. Ela não se sente mais como da outra vez, um pouco de desespero ainda pulsa, pois não sabe se a luz poderia novamente se apagar. Percebe que o local não está mais o mesmo. Gira sua cabeça para a direita e toma um susto. Um homem estava sentado em uma poltrona, bem próximo. Ela não conseguia enxergar seu rosto. Sabia que o homem estava vivo, mas sem rosto. Suspeitava de que ele poderia ser aquele que matou todas aquelas pessoas, que lhes vestiu as fantasias e depois cortou-as em pedaços. Um sentimento de angústia brota em seu corpo. Mas ela reluta, porque angústia não deve ser sentida diante de outros – e havia um homem na sua frente.

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

Diferente do desespero, seu peito aperta e tudo ficou muito confuso. Ela sorria para o homem. E se perguntava: “como podia um homem vivo sem rosto? ”. Ao seu lado esquerdo existia um espelho, estava bem empoeirado. Ela percebeu que o homem estava estático, sorrindo, mas, confusa, não conseguia ver se estava morto ou vivo. Acreditava que estava vivo, porque de longe olhava seus pulmões se enchendo e se esvaziando, e só via o sorriso e nada mais de seu rosto. De súbito, pensa que se aquele homem estava sem rosto, ela também poderia estar. Então, se aproxima do espelho, passa-lhe as mãos retirando o pó, e quando consegue se enxergar, comprova o que tinha pensado: seu rosto também havia sido roubado. O sentimento de angústia agora dá lugar ao de medo – quem seria capaz de ter roubado seu rosto? Como isso aconteceu e não conseguiu perceber? O desespero continua pulsando. A angústia também não cessa. O medo estava com o tom maior. Mas para esse homem ela continuava sorrindo, gargalhava com força, tentando demonstrar prazer. Pensou: “Se tiraram meu rosto, o próximo passo seria o assassinato, cortar meu corpo em pedaços”. A luz novamente se interrompe.

A luz retorna.

Aparecem ao seu lado muitas pessoas. Todas latiam. Sorriam desesperadamente. Disseram-lhe que estavam armadas. Nenhuma tinha rosto. Estavam sendo servidos em

taças delírios. Todos bebiam com prazer. Ela começa a se sentir em casa. Pede uma taça de delírio. São servidas também nas bandejas armas de fogo. De repente, uma música quase silenciosa começa a tocar. O som parecia que vinha de um disco clássico de vinil, e a música apoteótica subia lentamente seus tons. Lentamente, todos começam a beijar suas armas. Outros chegavam a lambê-las. Mas em sincronia, todos ao tom da música as engolem. Algo estava por acontecer. Ela sabia o que seria, mas seria fraco transparecer, melhor ser forte – então ela decide também engolir as suas. Dão-se as mãos e cantam. Suas armas estavam escondidas em seus corpos. Sairiam de suas bocas todas as balas. Como não havia rostos, para quem cruzasse seus caminhos não teria como decifrar o que cada um queria. O plano estava pronto. Todos que estavam ali haviam sido sequestrados. Não sabiam. As taças de delírios os faziam sentir prazer, parecia que estavam vivendo pela primeira vez – seus corpos, ansiosos, tremiam. As poltronas já não se encontravam mais na sala – parece que foram de outra vida. O homem conseguiu se encarnar, mas sem suas poltronas, elas não tinham mais poder. A luz se apaga.

A luz retorna.

O porão estava limpo, não havia mais nenhuma bagunça, todos os corpos haviam sido escondidos. A luz se apaga.

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

A luz retorna.

Surge outra música – Aleluia. Outras pessoas aparecem de mãos dadas, dançando. O homem de longe estava no canto da sala com uma xícara de café. Seus olhos apareceram e seu rosto. Tomava seu café e sentia que algo estava por acontecer. Seus olhos eram as janelas de seu corpo. Levavam tudo ao seu coração. Seu sorriso já não existia mais. Em seu rosto, apenas seus olhos. Estava trancado naquele porão, mas mesmo assim insistia em cantar – como a tristeza de um pássaro em uma gaiola que, mesmo preso, ainda assim insiste em cantar. Cantava porque sabia que a música era a coisa mais importante. A luz se apaga.

A luz retorna.

Aparecem todos aqueles que haviam estado no banquete dos delírios. Estavam de mãos dadas, em círculo. Ela junto a todos sorria, adorava virar uma taça atrás da outra – para ela, uma forma de preencher o tempo. No centro do círculo aparece uma moça fantasiada. Não se sabia se ela havia chegado assim ou se a fantasiaram. Um música começa a tocar, parecia que era de Richard Wagner, *Cavalgada das Valquírias*. Todos começam a abrir suas bocas, algo surge dentro: as armas que haviam engolido no banquete. Escuta um tiro bem alto. A moça havia sido atingida fortemente na cabeça. Morreu na hora. Seu sangue espalhou-se pelo chão.

Alguns se abaixaram e com canudinhos sugavam o que escorria. Outros tentavam misturá-lo dentro das taças de delírios. Outro tiro surge. A moça já havia sido morta, mas o segundo tiro não tinha a intenção de matar, era outra. Um terceiro tiro é dado, também sem a intenção de matar. O homem no canto da sala se perguntava: “Por que surgiram o segundo e o terceiro tiro?”. E respondia para si mesmo: “talvez seria a natureza de quem atirou”. O quarto tiro surge, o corpo da moça chega a levantar. Na sequência, o sexto e o sétimo tiros acontecem. Suas bocas eram máquinas de morte. Muitos saltam em cima do corpo e bebem seu sangue. Um chega a pular em sua cabeça e gritar “viva!”. Olha para outros e começa a mandar beijos. O corpo da moça estava retalhado. Uma bola começa a surgir da sua barriga. Estoura e nasce ali um bebê. O bebê sorrindo estava acabando de comer toda a placenta. Alguns dão tapas na cara do bebê. Mas era tarde, ele já havia comido a placenta. A luz se apaga.

A luz se acende.

O homem havia sido convidado para participar do banquete de delírios. Ofereceram-lhe muitas taças, mas não bebia, gostava mesmo era de café. A luz fica mais forte. Alguns percebem através do espelho que não têm rostos. Em desespero não aguentam fazer como Ela. Suas fraquezas sobem à superfície e suas armas engolidas começam a atirar por dentro. Todas as armas que iniciaram haviam sido descarregadas. Os que presenciaram a cena sentiram que



deveriam rapidamente tirar aqueles corpos fracos que ali estavam. Suas cabeças e ombros estavam pesados, pois era com eles que levavam para fora do porão os corpos. O corpo da moça havia sido removido. Ninguém nunca soube quem o fez e para onde aquele bebê foi levado. Mas com o bebê não havia preocupação, deu tempo de comer toda a placenta. Nenhuma arma daquelas conseguia atingir um bebê que havia comido placenta. Elas têm mais poder do que as armas que saem pelas bocas. Aliás, toda a música é feita de placenta.

O banquete continua, com doses menores de taças de delírios. É observado por alguns que em vários pontos do porão, por entre uma madeira e outra, nascem flores. Percebem porque um perfume começa a exalar. Provavelmente a luz e a placenta que entravam pelas madeiras foram os nutrientes para as flores. Ao fundo tocava Tchaikovsky, *Valsa das flores*. A luz se apaga.

O homem sentia que um dia aquela moça seria assassinada – suspeitava porque sua doença nunca foi do corpo, mas da alma. Diferente de Ela que não aguentava viver sem rosto. Muitas pessoas por não conseguirem ver o rosto da moça ficavam desesperadas. O homem sempre pediu para a moça não andar por aí de máscara. Na vida passada, ela sem cessar dizia ao homem que achava a coisa mais linda o musical do Fantasma da Ópera, por isso gostava de usar máscaras. O homem dizia que viver a vida nu, sem

fantasias e máscaras seria mais difícil, mas que todos deveriam escolher de acordo com aquilo que conseguiam suportar. Ele sabia que tem gente que usa a máscara porque não suporta viver sem rosto. Que existem aqueles que vivem sem rosto, mas nem se preocupam. E outros que buscam durante toda a vida encontrar seus rostos roubados – os que os encontravam se transformavam em música, jamais seriam substituíveis.

A luz retorna.

Aparecem no porão as poltronas. O homem sabe de seus poderes, sabe que elas podem ajudar as pessoas a encontrarem seus rostos roubados – mas deixa-as em silêncio, ajeita suas almofadas, arruma o tapete que está abaixo, e passa suas mãos sobre seu tecido aveludado. Desta vez ele vai até o aparelho de som e coloca para tocar a *Nona Sinfonia* de Beethoven, *Ode à Alegria*, pega sua xícara de café e se mistura com a música. Neste momento, as grades da gaiola não fazem diferença. Ele sabe que os pesos em seus ombros não são de carregar corpos, mas de suas asas que pesam por não estarem voando.

Acordado, as pessoas continuam sonhando, então não haveria como fazer com que todos acordassem. A única coisa a se fazer é aprender a escolher quando o feixe de luz surge. E mesmo diante das incertezas e incompreensões de tudo, sem julgamentos, escutar a música se torna o maior deleite de

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

todos. A música sempre estará tocando – consegue escutá-la aquele que aprendeu afastar de seus ouvidos os barulhos. Ela não se escuta no presente, porque é impossível manter uma música no instante – o instante de música quando surge é apenas a lembrança da música. Só a escuta quem já a tiver escutado. As armas surgem para fazer barulho – quem as possui acredita que barulho é música. Não podem ser julgados – é apenas o barulho que possuem. O amor pela música é supersensível, não sabem o quanto se ama a música, por isso não lhe dão valor.

Aquele bebê roubou a música de sua mãe. Escutar agora dependerá dele. A música nunca irá parar de tocar, porque ela não é corpo. A música é uma coisa que chega, mas que nunca fica. O corpo morre. A música nunca a entenderemos. O corpo é o disco, o aparelho. A música é a alma do aparelho. De música em música chega-se a Deus. A luz se apaga. Tudo some. A música continua a tocar.

A luz retorna.

Ela está no porão. Ainda não consegue descobrir quem roubou-lhe o rosto. Quem assassinou tantas pessoas e as jogou debaixo do tapete. Ela, desde o nascimento, ainda é Ela – mas continua na esperança de um dia conseguir encontrar seu rosto e ganhar um nome. Ela consegue apenas sentir, mas não aprendeu a evocar o que sente. Apenas sente

sem saber. Ela se emociona, mas não sabe o nome de suas emoções. Por enquanto, apenas Ela. A luz se apaga.

A luz retorna sem Ela.

Ela se foi e levou consigo suas ideias, que foram as únicas causas de sua existência. Sem saber se todos estavam mortos ou vivos, Ela ainda permanece na ignorância, sem descobrir o que aconteceu. O que lhe restou foi apenas o viver; o viver com esperança, tomando suas taças de delírios, com seu mundo que não se confirma, com o temor de que um dia certamente retornarão todos os seus feitiços, todas as suas brutas oscilações emocionais, as suas ironias mordazes. Sem ter aprendido a pensar, Ela vive; vive na certeza de que tudo à sua volta é especial, do jeito que sempre sonhou.

Ela acorda e descobre que ainda está sonhando, e se pergunta se acordou dentro de seu próprio sonho ou se está mesmo sonhando acordada. Levanta nua, se olha por inteiro no espelho, e depois caminha até seu guarda-roupas – abre duas das portas, sendo o suficiente para passar as pontas de seus dedos por entre suas fantasias. Ainda nua, parada frente ao seu guarda-roupas, reflete sobre o que gostaria de viver hoje. Escolhe ficar nua.

O guarda-roupa é fechado por Ela – e para esse dia não é escolhida nenhuma fantasia. Ela se direciona para a varanda. De Richard Wagner, *Cavalgada das Valquírias*, novamente começa a tocar.

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

A luz do dia nunca esteve tão forte, o sol massageava sua pele e o vento gelado soprava fortemente, típico da estação de inverno de onde residia – tempo seco, sol forte e ventos frios pela manhã. Ela caminha pela borda da piscina, sente com as solas de seus pés o azulejo áspero, umedecido. Ela se agacha, e a água espelhada pela luz do dia cria a imagem de Ela, do seu rosto que procurava durante toda a sua existência. Com entusiasmo, Ela solta uma gargalhada alta, cética – sente um profundo prazer em se ver –, parecendo que era a primeira vez que Ela sentia seu corpo.

*Tristan & Isolda* é a próxima música. Ela olha para cima e percebe que no céu estão brilhando a Lua e o Sol ao mesmo tempo, algo meio nublado, escuro e claro. Os relógios passavam seus ponteiros em câmera lenta. De repente exalam odores de tudo o que estava à sua volta, cheiros fortes. Ela nunca havia experimentado tão forte o mundo. Sentia que estava viva de verdade. Não existia nome para tantas sensações. Tudo vinha de uma só vez, misturado. Mas Ela sabia dentro de si o que era cada uma delas, sentia cada estalo, cada fragmento que pulsava. Ela tinha quase certeza de que estava sonhando, porque achava impossível sentir a vida assim, com tamanha potência. Algo havia acontecido, mas Ela não sabia dizer o quê.

Ela fecha e abre os olhos lentamente – e novamente se pergunta se está ou não sonhando? Olha para a água, para sua

nova identidade, quando gotas de sangue começam a pingar sobre a água da piscina. Aos poucos, sua imagem vai se dissipando na água, sendo destruída pelo impacto de cada gota de sangue. Ela, com a sensibilidade ao extremo, começa a se sentir estranha, um temor toma seu corpo e começa a pulsar. Já seu coração bate mais lentamente, tudo parece que está em câmera lenta, a música que toca se escuta abafada, e a Lua e Sol se encontram no céu. Ela olha para cima e percebe que as gotas de sangue vêm da chuva, com um número maior a cada segundo. Ela se desespera ao ver que sua imagem está se turvando, sendo agredida. Pensa logo que alguém havia dilacerado um dos momentos mais prazerosos que já havia experimentado – seu corpo, então, é tomado por ódio, e chega a pensar em ir até seu guarda-roupas, mas desiste.

Nua, à beira da piscina, entra na água gelada e desce ao fundo, e se deitando sente os azulejos pressionando as partes de seu corpo. Lá debaixo conseguia ver o sol e a lua se unindo, transformando-se em um só, se encontrando e formando uma unidade, algo único que só poderia ter sido um ser. Nada além daquela unidade era representável, tudo que havia acontecido em sua vida não era união, mas apenas busca, e dessa vez o encontro se tornou verdadeiro, uno.

Em seu corpo, pulsava a imagem de seu rosto. A face se fez sobre ele. Essa teria sido a primeira vez que Ela havia se visto.

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

Aos poucos, a luz se apagou e seus olhos se fecharam. Ela levou consigo tudo o que seu corpo havia encontrado pela vida; levou para sempre – Ela consigo – aquilo que em vida tanto havia desejado descobrir.

E o mundo?

Continuou mundo.

E a música?

Enquanto houver vida, haverá música.

LEONARDO PERACINI

NOSSO TEMPO TERMINOU.

FICAMOS POR AQUI.



PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você

TÍTULOS DO AUTOR:

CERTO, MAS POR LINHAS TORTAS

Uma belíssima e provocadora crônica, que observa a condição humana pelo prisma do interjogo do mundo externo com o mundo interno. Uma leitura sem pé nem cabeça para se deixar levar, praticamente um “sonhar” em conjunto, onde as verdades se encontram nas entrelinhas para aqueles que se permitem ser sujeitos, indivíduos de suas próprias estórias e fantasias. Foi uma delícia de dor escrever mais este livro. Espero que gostem! Um carinhoso e gentil abraço a todos aqueles que contribuíram!

SENDO HUMANO: REFLEXÕES DE UMA EXISTÊNCIA

Este livro é para todos aqueles que um dia se questionaram: “Onde está a verdade?”, “O que é o ser humano?”, “Existe um sentido a ser atribuído à vida?”, e “Por que em alguns momentos somos tão infelizes?”. A maioria dos seres humanos deseja viver eternamente, entretanto, essa maioria se esquece de que o tempo que faz viver também faz morrer. O convite está feito, mergulhe agora nas profundezas desconhecidas, misteriosas e intrigantes do ser humano.

## SEGUINDO ADIANTE

Quando o clima muda, as abelhas precisam também mudar. E do mesmo modo o homem, que precisa ter esperanças para continuar a produzir seu mel, suas histórias. É necessário trocar de roupa sempre. As calças e saias do passado já não servem mais, os cortes mudaram, e continuarão mudando. Mudar é preciso. O ser humano que tem medo de mudar, que se queixa, suicida-se todos os dias.

Esta é uma obra que provoca, e permite ao ser humano fazer determinadas leituras de seu modo singular de funcionamento, conduzindo-o a aumentar sua capacidade de tolerância às frustrações penhoradas ao longo de sua existência. *Seguindo Adiante* é um convite a todos aqueles e aquelas que, mesmo diante de todo caos, sabem que a vida vale a pena ser vivida.

## ALÉM DA LIDERANÇA

Fazendo retórica em nossa biografia, vamos perceber que ao longo dela construímos os próprios modelos de liderança sob a influência do que vimos, experimentamos ou percebemos em outras pessoas ou situações. Daí vem a pergunta: Que tipo de influência forjou as maiores convicções? *Além da*

*Liderança* nos convida, de maneira provocativa e prazerosa, a mergulhar em nossa mais profunda essência e a descobrir que a ausência de respostas no sentido da vida e das coisas só existe na falta das perguntas certas. O problema é que, querendo ou não, em algum momento verdades serão confrontadas e, quando isso acontecer, teremos de estar preparados para mudanças, e elas podem significar romper limites.

#### O QUE A VIDA ME FALOU

*O que a vida me falou* é uma coletânea de textos retirados de três livros: *O grito*, *O inconsciente* e *O despertar*. São belíssimas poesias inspiradas no ser humano, com foco contemporâneo, engendradas na temática de cada livro, que representam as passagens de muitos seres humanos. Essa coletânea foi publicada em Portugal, na cidade do Porto.

Acesse: [www.leonardoperacini.com.br](http://www.leonardoperacini.com.br)

PARTITURAS  
escute a música que há dentro de você